Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 5.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 020 / €1,50 / Diretora **Rosália Amorim** / Diretor adjunto **Leonídio Paulo Ferreira** / Subdiretora **Joana Petiz**

SÓ 2% DOS PORTUGUESES ESTÃO FILIADOS EM PARTIDOS E QUATRO EM CADA CINCO ESTÃO INATIVOS

MILITÂNCIA EM PORTUGAL Três quartos são homens, a maioria licenciados e de classe média. PS e PSD têm maioria dos militantes na função pública e CDS é o que tem mais representação no setor privado. PCP quer mais "revolucionários profissionais", BE aposta no enraizamento social. Quem são e onde estão os cada vez menos militantes partidários no país.

PÁGS. 4-5

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

MONTENEGRO DESAFIA COSTA A BAIXAR O IRC

"FAÇA-O JÁ, NÃO AGUARDE MAIS 15 DIAS"

PÁG. 6

Veículos elétricos vendidos Três em dez carros são usados e vêm de fora

PÁG. 14

Pele garante economia circular Indústria leva engraxadores a Milão em defesa de calçado de couro

PÁG. 16

A aventura de Elcano por José Manuel Garcia "A primeira Volta ao Mundo foi realizada por desespero", diz historiador

PÁGS. 10-11

ESPECIAL 200 ANOS BRASIL Como matar a fome num país rico por natureza?

PÁGS. 20-21

Conservadores indicam quem sucede a Boris Liz Truss já é dada como certa para liderar o Reino Unido

PÁG. 22

TRÊS MEDALHAS DE OURO E UM RECORDE DO MUNDO "NUNCA SE VIU UM FENÓMENO COMO DIOGO RIBEIRO NA NATAÇÃO PORTUGUESA"

PÁGS. 24-25

PRÉ-PUBLICAÇÃO DO NOVO ROMANCE DE CÉU E SILVA *CASABLANCA* DEPOIS DO ADEUS. "COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL FAZIA-SE CENTENAS DE FILMES"

PÁGS. 26-27

EDITORIAL

Joana Petiz
Subdiretora do Diário de Notícias

Quem má cama fez, nela se deitará

Enquanto por cá se debate o que poderá o governo incluir no pacote de ajudas que apresentará hoje para aliviar um pouco a vida das famílias mais afetadas pela inflação, a Alemanha acaba de apresentar o seu terceiro plano de emergência. Depois de dois pacotes que representam 30 mil milhões de euros em medidas desenhadas para reduzir o impacto da brutal escalada de preços, Berlim reserva agora mais 65 mil milhões para distribuir por famílias e empresas. Tudo somado, são quase 100 mil milhões libertados para a economia, de forma a suster o embate e manter as coisas a funcionar perante uma conjuntura em que já se dá como certa uma nova recessão na Europa.

Em Lisboa, o governo português vai hoje fazer saber o que é possível dar aos portugueses. Qualquer coisa ali pela fasquia de um pouco mais de 2 mil milhões de euros, apesar de o governo ter arrecadado até julho 5 mil milhões a mais em impostos cobrados, quase o dobro do que esperava recolher a mais no ano todo. Mas dos cofres do Estado não se pode retirar muito, que a margem que Costa e Medina têm é curta e as contas não são assim tão certas. A dívida, sempre a dívida... pior agora, que o crescimento ficou estacionado no zero e o consumo vai caindo, com o fim do verão e as poupanças da covid desaparecidas. E a queda brutal no excedente orçamental, que de um mês para o outro emagreceu para menos de metade, não augura nada de bom.

As empresas vão mesmo ter de ficar para depois. Já se aguentam há tanto tempo sem apoios que contem, podem esperar mais 15 dias, porque é preciso contar com o que Bruxelas decidir – e rezar para que se esteja a cozinhar por lá uns pacotes financeiros estilo covid.

Os apoios vão chegar? Provavelmente não. A questão é que Portugal não é a Alemanha, onde todos os anos se produz 16 vezes mais riqueza do que aqui e o equilíbrio orçamental é uma realidade; onde se aposta nas empresas e se incentiva o investimento; onde se vê virtude nos lucros e se valoriza o trabalho e a remuneração; onde não se cria à toa empecilhos ao bom funcionamento da economia.

Com as reformas urgentes constantemente adiadas, com as medidas que se conseguiu implementar à custa de muito sofrimento, para trazer o país para os eixos, revertidas pela *geringonça*, com a dependência do Estado alargada a uma fatia cada vez maior da população, a crise que se avizinha a alta velocidade não deixa Portugal em bons lençóis.

A Alemanha não é Portugal. Mas Portugal podia tentar ser um bocadinho mais parecido com a Alemanha.

FOTO DE 1944

Conferência de Almada Negreiros sobre Homero, poeta épico da Grécia Antiga a quem se atribui a autoria de *Ilíada* e *Odisseia*, realizada no *Diário de Notícias*, em janeiro de 1944.

OPINIÃO HOJE

5.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil,João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira,Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

MILITANTES DO FUTURO

Dos jovens qualificados aos "revolucionários profissionais". O que procuram os partidos?

RECRUTAMENTO De que falam os partidos quando falam na "atração de quadros"? Qual é o perfil dos militantes destes últimos 40 anos? Quem procuram agora? A análise dos investigadores e os objetivos de crescimento dos principais partidos. A militância já não é o que era.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"São maioritariamente homens, cerca de 74,5%, com idades entre os 35 e os 74 anos [a média está nos 47 anos], com qualificações académicas elevadas: a maior parte (65%) licenciatura, e maioritariamente empregados. E assumem-se como pertencendo à classe baixa ou média-baixa. Dizem-se pouco religiosos".

Este é retrato-tipo dos militantes – há quem lhes chame "filiados", "membros" ou "aderentes" – que apesar de "incompleto", por falta de "vontade" de boa parte dos partidos em revelar informação que "permita um estudo mais aprofundado e universos mais alargados", se aproxima muito da investigação de Maria José Stock nos Anos 1980. Um dado suplementar: nos partidos mais antigos, a idade média está cima dos 50, 60 anos. Facto contrário sucede nos mais novos e recentes que "assumem temas fraturantes ou específicos no seio da sociedade. Como por exemplo os partidos de extrema-direita ou os partidos ecologistas". E aqui é "verificável um aumento de filiados" quase imediato.

"A grande maioria dos filiados possui uma qualificação de nível superior, nomeadamente licenciatura, mestrado ou doutoramento (...), há uma ligeira acentuação de valores no caso dos membros do PSD, considerando um mais elevado grau de habilitações. Aquela tendência poderá ser explicada pelas alterações profundas na sociedade portuguesa, a nível educacional, e pela proliferação de cursos superiores, criados, sobretudo, após a instauração do regime democrático em Portugal. Contudo, quando comparados com os dados recolhidos para este universo de filiados partidários nos Anos 80 (Stock & Rosa, 1985, pp. 70-72) veri ca-se uma evolução mais positiva e divergente", refere a investigação de Paula Espírito Santo e Marco Lisi.

Ao invés, a taxa de militância tem vindo, ano após ano, a cair. Em 2002, por exemplo, andava nos 5,8%, hoje rondará os 2%. E é aqui que se encontra a raiz atual dos principais problemas partidários: menos militantes e, facto mais relevante, cada vez menos "militantes ativos". Os "que dão tempo ao partido" não ultrapassam os 20%.

E o exemplo mais recente, de 28 de maio deste ano, encontra-se nas eleições diretas no PSD. Dos 84 994 "militantes ativos" somente 44 629 pagaram quotas para poderem votar, mas apenas 26 984 votaram. Luís Montenegro foi eleito com 19 241 votos.

No PS e PSD, "os partidos de governo desde 1976", a "proporção de filiados que são funcionários públicos ronda valores acima dos 40%" (43,3% no PSD e 41,9% no PS), mas isso não significa, como à primeira vista poderia sugerir, uma ligação "estreita" com os sindicatos do setor público.

"A proporção de pertença ao sindicalismo" é reduzida: "Uma minoria de filiados refere pertencer a algum sindicato". Os que o indicam, são "sindicatos associados ao ensino (professores), bem como sindicados associados ao setor da banca (trabalhadores da banca)".

O sector privado está mais representado no CDS (64,9%) do que em todos os restantes partidos analisados. No BE, o valor é de 48,9%; o livre soma 46%: o PSD 33,4% e o PS 30,7%.

> A taxa de militância que há 20 anos se aproximava dos 6% , hoje ronda os 2%. Os filiados ativos, os que "dão tempo ao partido", não ultrapassam a fasquia dos 20%.

No perfil de idades, o "Livre apresenta a média mais baixa (40,8 anos), enquanto que os filiados socialistas (49,7 anos) apresentam valores etários mais elevados do que no PSD (44,5 anos)".

Sobre a escolaridade, a "proporção reduzida de membros com ensino básico é mais alta no BE (10,2%) e no PS (9,4%). É nos filiados do Livre que se registam os valores mais altos de qualificações universitárias (84,6%)".

As atividades religiosas seguem uma linha "quase política": mais ativos os do CDS, depois os do PSD, seguem-se os do PS, e depois os militantes do BE e do Livre.

Marco Lisi e João Cancela, que analisaram o "ativismo e participação nos partidos portugueses", sustentam que, "apesar do debate acerca do declínio dos militantes e da crescente irrelevância dos filiados, os partidos, enquanto associações de indivíduos, não deixaram de recrutar novos membros e de tentar mobilizar as respetivas bases. Isso acontece porque os filiados são um potente multiplicador de voto, mas também porque reforçam a legitimidade destas organizações".

Mas porque se inscreve alguém num partido? Quais são as motivações? "As ideológicas parecem relativamente mais fortes para os filiados do BE e do Livre (...); os do CDS, PSD e PS [por esta ordem] colocam uma importância relativamente maior nos benefícios materiais, sobretudo para obter vantagens políticas ou uma carreira".

O "ativismo", a participação e organização de "reuniões e convívios partidários" está mais presente no PSD e BE do que no PS e Livre. E, naturalmente, "os níveis de participação são maiores quando se trata de formas de mobilização associadas às campanhas eleitorais". Tradução: "estrutura no terreno relativamente fraca e uma mobilização, essencialmente, concentrada nos períodos eleitorais".

No "posicionamento ideológico" Ekaterina Gorbunova e Marco Lisi encontraram uma identificação clara dos militantes no seu espetro político: uma "congruência entre filiados e partidos". Da esquerda para direita definiram-se assim: BE, Livre, PS, PSD e CDS.

Apesar da coerência, há pequenas diferenças a assinalar: os filiados do BE e do Livre colocam-se mais à esquerda do que o "posicionamento do partido"; os do PS e PSD ficam abaixo do "posicionamento" partidário (menos centro-esquerda e centro-direita, respetivamente); enquanto que os do CDS se colocam mais à direita do que o próprio partido.

E mais do que "as regras estatutárias", as regras da democracia interna, mais de dois terços dos militantes, diz que o "funcionamento interno do partido está [mais] dependente das tendências/divisões internas que existem dentro do partido".

RUI LEITÃO / DN

Se a "democracia intrapartidária", que alterou as suas características nas últimas décadas – de um elevado "grau de centralização" passou-se para uma "maior democratização interna" –, perde "volume de militantes" e "capacidade de

atração", a "competição partidária nacional poderá não perder capacidade política e social efetiva pela diminuição do efetivo partidário".

Ou seja, "a projeção pública dos partidos depende manifestamente mais da sua capacidade de mobilização política e eleitoral através dos média do que do número do efetivo no terreno".

E é aqui que PS e PSD, partidos *catch-all-party*, se posicionam na captação de "quadros políticos". João Torres, secretário-geral adjunto socialista, sublinha "esse propósito de atração", por exemplo, na *Academia Socialista*, tal como sucede na *Universidade de Verão* do PSD ou na *Escola de Quadros* do CDS.

"Fala-se em criar as condições para que, em geral, as pessoas possam ver nos partidos políticos plataformas para apresentarem as suas ideias e, tanto quando possível, que essas ideias sejam qualificadas, sejam informadas, sejam esclarecidas. Estamos a falar de pessoas que reconheçam na militância ou na participação em contexto político ou partidário uma forma de transformar o país. E estamos a falar fundamentalmente, sem querer desconsiderar contributo de ninguém, de pessoas qualificadas, de pessoas que conheçam bem determinadas áreas ou temas em particular e que possam acrescentar valor às políticas públicas, às propostas políticas do partido socialista", explica.

João Torres não sente que "o PS tenha falta de quadros". "O que eu sinto é uma necessidade de permanentemente renovarmos os quadros políticos do Partido Socialista, de garantirmos e assegurarmos que desde estudantes, a pessoas que já estão no mercado de trabalho, e que têm até eventualmente carreiras promissoras, não se dissociem dos partidos políticos. Que encontrem nos partidos políticos organizações e espaços de poder contribuir para uma sociedade melhor."

Numa frase: "Novas ideias, novas propostas, novos projetos, acompanhar o evoluir dos tempos, tornar o partido atrativo".

Paula Espírito Santo, professora auxiliar no ISCSP, com agregação nas áreas de Sociologia Política, Sociedade Civil e Cultura Política e Métodos de Investigação, considera que o que está em causa é a "tecnocracia, os técnicos do partido, todos os que têm de revitalizar o partido". "É uma mensagem mais política do que outra coisa. No fundo é contrariar a ideia de que os partidos são organizações muito baseadas em solidariedades, que são aquele conceito da democracia intrapartidária, que é muito mais ativo do que aquilo que parece."

"Claro que precisam de pessoas com qualificação, áreas diversificadas", afirma, "mas será mais nessa base de dar uma ideia de que o partido será sempre o grande motor da sociedade. Ou seja, pôr em prática o princípio da ascensão dentro do partido baseado no refrescamento e no rejuvenescimento do partido".

Na prática, aquilo que o investigador Robert Michels, chamou de "A Lei de Ferro" dos partidos políticos: "A emergência, nos partidos, de massas de uma profissionalização dos seus dirigentes e quadros, da qual resultou uma oligarquia que se movimenta por um interesse específico e que capturou os mecanismos da sua própria eleição e sucessão".

Miguel Coelho, dirigente socialista, que estudou, na sua tese de doutoramento em Ciência Política, o "recrutamento do pessoal dirigente" nos partidos em Portugal que chegam aos governos concluiu que "o partido de governo ou de quadros no PPD/PSD não se encontra tão concentrado na Comissão Política Nacional como está este tipo de partido concentrado no Secretariado Nacional do PS, verificando-se no PPD/PSD uma maior disseminação por diversas estruturas e setores do partido". Traduzindo: está mais perto de ser ministro quem mais perto está da hierarquia de poder no PS.

Hugo Soares, secretário-geral do PSD, entende que a *Universidade de Verão* do PSD [a 18.ª que decorreu em Castelo de Vide até ontem] "não é um motor da captação de quadros. É, sobretudo, formadora de quadros. A ideia que o PSD continue a liderar a formação política em Portugal".

O partido, afirma o social-democrata, "quer voltar a ser a força motriz da sociedade portuguesa". E, "para isso, precisamos de continuar a ser capazes de atrair talento nas mais diversas áreas de atividade: os mais capazes, os líderes das comunidades, os mais representativos".

O PCP remete respostas para o que ficou consagrado na Resolução Política do XXI Congresso. O documento refere que se mantém "a preocupação e o esforço para a renovação e o rejuvenescimento do quadro de funcionários do Partido, nomeadamente com camaradas oriundos de células de empresa e de locais de trabalho. Este objetivo tem sido levado a cabo, apesar das dificuldades financeiras do Partido".

O partido considera que "a resposta à complexidade da luta de classes, nomeadamente da sua expressão ideológica, exige militantes, particularmente quadros, cada vez mais bem preparados (...), que assimilem de forma criadora e em permanente ligação com a prática, as questões essenciais da sua base teórica – o marxismo-leninismo".

Em síntese: "quadros política e ideologicamente firmes, revolucionários profissionais".

No BE "existe uma preocupação com os equilíbrios da representação: seja o nível etário, em que as várias gerações se completam; seja ao nível do género, adotando desde há muitos a paridade em todos os órgãos (...). O Bloco tem milhares de aderentes envolvidos em movimentos sociais, no trabalho sindical ou no movimento estudantil. É uma intervenção essencial de um partido que não se fecha sobre si próprio, procurando maiorias sociais em torno de cada tema. Esse enraizamento social é essencial e o Bloco procura aprofundá-lo ainda mais".

"A militância", diz o partido, "é expressão das lutas sociais em que está envolvido".

Para o Livre, os objetivos são claros. O partido "não se contenta com ser um partido de causas com 1% ou 2% dos votos [obteve 1,28% dos votos nas últimas legislativas]. Acreditamos que Portugal precisa de ver representado um eleitorado mais amplo de esquerda ecologista e europeísta. O crescimento de membros e apoiantes que o partido tem tido mostra que essa vontade existe em todo o país e não só no Livre".

O crescimento e o "alargamento", defendem, deve ser "o mais abrangente que for possível, tanto em termos geográficos como de percursos de vida e setores de atividade, porque acreditamos que essa será a melhor maneira de formarmos quadros de qualidade, alinhados com os valores do partido – Liberdade, Esquerda, Europa, Ecologia – e que possam ajudar a catapultar o país para um novo patamar de desenvolvimento".

> Os militantes mais religiosos estão no CDS. A lista segue esta ordem: PSD, PS, BE e Livre.

Os custos

Ter "quadros" implica gastos com pessoal e é o PCP, tal como o *DN* noticiou na edição de 21 de agosto, que lidera, distanciado, os gastos anuais com pessoal – foram 2,6 milhões em 2021 –, seguido, de longe, pelo PSD, com 2 milhões, pelo PS, com 1,8 milhões, e longíssimo dos 583 mil euros do BE, dos 480 mil do CDS, dos quase 260 do PAN, dos cerca de 160 mil da Iniciativa Liberal, dos poucos mais 100 mil do Chega e dos 71 mil euros do Livre.

Em dez anos, o PCP gastou mais de 37 milhões de euros com funcionários; o PSD, 24 milhões; o PS, 23,5 milhões; o CDS, 7,5 milhões; o BE, 4,8 milhões e o PAN, 1 milhão de euros.

Nos partidos mais recentes, o maior investimento em gastos com pessoal encontra-se na Iniciativa Liberal e Livre, que mais do que duplicaram os gastos entre 2020 e 2021. O partido liderado por João Cotrim de Figueiredo passou dos 70 mil euros para os 156 mil. No caso do partido de Rui Tavares, o valor passou dos quase 31 mil para os quase 72 mil euros.

O Chega reduziu esses gastos em cerca de 8 mil euros – passou dos quase 113 mil para os 104 mil euros.

No total, são mais de 500 os "quadros" que trabalham nos partidos com representação parlamentar.

artur.cassiano@dn.pt

Líder do PSD desafia Costa: "Baixe o IRC, faça-o já. Não aguarde mais 15 dias"

ECONOMIA Luís Montenegro afirma haver condições para o PS fazer o que está negociado com o PSD "desde 2014" e anunciar já hoje os apoios destinados às empresas. E que baixe já o IVA da energia para 6%.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Montenegro encerrou ontem a *Universidade de Verão* do PSD.

NUNO VEIGA/LUSANUNO VEIGA / LUSA

"O que vai acontecer amanhã [hoje] é o governo fazer aquilo que reclamamos desde maio. Contrariamente ao que o governo tem dito, não há três dias de diferença entre o que o PSD apresentou e o governo vai anunciar, há três meses de diferença."

Este é o principal, mas não único, argumento que Luís Montenegro usa para dizer que o pacote de medidas do governo "vem tarde, vem muito tarde e não foi por falta de aviso. Foi a habilidade que o governo teve, conscientemente, para aplicar esta medida apenas nos últimos três meses do ano".

O líder social-democrata garante que o que vai acontecer é mais um "exemplo da famosa habilidade política do primeiro-ministro, o *show-off* do PowerPoint".

Lembrando que desde maio defende um programa de emergência social, Montenegro admite que as medidas de António Costa não serão exatamente iguais às que o PSD propôs e entregou no Parlamento na sexta-feira, em forma de Projeto de Resolução.

"Elas amanhã virão travestidas, não virão *ipsis verbis* como as propusemos, sei que o governo anda a reboque do PSD, mas não é tanto", disse, provocado risos na assistência que estava no encerramento 18.ª edição da *Universidade de Verão*.

"Roupagem diferente", mas "a base vai ser a mesma", afirmou.

O líder do PSD não entende porque razão o governo não anuncia, também hoje os apoios destinados às empresas, porque "há condições para que o PS faça o que acordou connosco em 2014 e baixe o IRC".

"Dr. António Costa, não aguarde mais 15 dias e faça-o já amanhã [hoje]", pediu.

Luís Montenegro antevê que vá ser anunciada a antecipação do aumento das pensões, mas lamenta que o governo só vá fazer em setembro o que os sociais-democratas propuseram em maio, tal como a baixa do IVA da energia, que o governo dizia não ser possível sem autorização europeia.

"Faço aqui um apelo/desejo, que seja amanhã [hoje], ao menos agora, que o dr. António Costa baixe o IVA da energia para 6 %. Faça-o transitoriamente, mas faça-o agora, porque é agora que as pessoas precisam", defendeu.

E como mais vale tarde do que nunca, Montenegro desejou ao governo que "a conferência de imprensa corra bem, as medidas a anunciar sejam eficazes" e que possam ser renovadas, se necessário.

"Quem tem de governar o país é o governo, percebe-se que a frustração na sociedade seja grande, porque o governo não está a cumprir a sua tarefa, mas nós vamos cumprir a nossa", assegurou. Ou seja, como não vai haver eleições amanhã o PSD não tem a obrigação de ter, desde já, um plano completo para governar o país.

Montenegro, que considera estar a cumprir o seu o papel de oposição – "apontámos omissões, insensibilidade, e, perante a passividade do governo, tivemos a ousadia de apresentar as soluções" –, afirma que o PSD será "a voz dos que precisam de ter essa voz no diálogo com o governo, dos portugueses de todas as proveniências políticas e geográficas".

O presidente do PSD acusou ainda o primeiro-ministro de "matar o próximo ministro da Saúde" ao dizer que a política no setor vai continuar igual – é, disse, "a arrogância" de António Costa.

Se a política de Saúde vai continuar a ser a mesma, "vai continuar a haver Urgências fechadas, portugueses sem médicos de família, consultas adiadas", garantiu.

"A ministra demitiu-se dizendo que não tinha condições para continuar. Qual é a resposta do primeiro-ministro? Então se não tem condições, fica mais umas semanas para decidir coisas importantes para as quais julga não ter condições. Isto é uma contradição", afirmou.

"É caso para dizer que António Costa já está a matar o próximo ministro ou ministra da Saúde, porque já lhe está a desejar uma política que deu maus resultados", disse, aconselhando o primeiro-ministro a ter humildade e a reconhecer que a política de Saúde falhou.

Para Luís Montenegro, os problemas registados no setor da Saúde "não eram da ministra, embora possa ter dado as suas contribuições. O problema é do primeiro-ministro, do PS. Este PS quis fechar o SNS na esfera estatal perdendo aquilo que importa: o cidadão, que precisa de cuidados de saúde, independentemente de os ter num hospital público, privado ou numa IPSS".

O líder social-democrata não tem dúvidas de que "o maior amigo da saúde privada em Portugal" é António Costa. E a explicação é esta: "Não venham com essa conversa de treta e da treta, nós não somos amigos do setor privado e do setor social, nós somos amigos das pessoas e estamos preocupados com as pessoas. Quem disser que o PSD tem outro interesse é desonesto".

Conclusão? Montenegro acusa a esquerda e o PS de fazerem "muito pior ao SNS" do que os sociais-democratas.

artur.cassiano@dn.pt

> "Baixe o IVA da energia para 6 %. Faça-o transitoriamente, mas faça-o agora, porque é agora que as pessoas precisam."
> ***Luís Montenegro***
> *Líder do PSD*

Presidente do CDS diz que é necessário uma entidade reguladora para o setor agroalimentar.

IL quer fim do conluio PS/PSD, CDS pede IVA a 0% nos produtos essenciais

IMPOSTOS Cotrim de Figueiredo diz que, apesar da "enormidade de impostos que o PS nos obriga a pagar", os portugueses estão sem apoios.

"Temporariamente à taxa zero". O desafio do presidente do CDS-PP que ontem encerrou a *Escola de Quadros* do partido, que decorreu desde quinta-feira em Espinho, é simples: "Com a inflação dos bens alimentares a superar os 15%, desafiamos António Costa a reduzir o IVA dos produtos essenciais temporariamente à taxa zero".

Nuno Melo argumenta que "é imoral que o Estado esteja a arrecadar todos os dias ganhos milionários à conta da inflação e à custa do sacrifício absurdo dos contribuintes e das famílias portuguesas".

"O Estado já angariou mais de 5000 milhões de euros de receita extraordinária até maio", constata Nuno Melo acusando o governo de arrecadar uma receita "perversa".

Outra das propostas avançadas pelo presidente do CDS foi a criação de uma entidade reguladora para o setor agroalimentar: "Desafiamos o primeiro-ministro a criar uma entidade reguladora para o setor, que traga equilíbrio e justiça aos preços dos produtos, [que junto do produtor estão] até agora esmagados nos mecanismos da relação entre produtores, intermediários e distribuidores", sustentou.

Salientando que "em Portugal praticam-se os preços mais baixos da União Europeia", Nuno Melo firmou que "os produtores desesperam para sobreviver e não fechar portas".

A culpa do bipartidarismo

O presidente da Iniciativa Liberal (IL), João Cotrim de Figueiredo, considerou ontem que a responsabilidades pela "impreparação" do país para acorrer às emergências é do bipartidarismo protagonizado pelo PS que "deixou Portugal depauperado", mas também do PSD.

"É nestas alturas que se vê que 20 anos de governo do PS deixou Portugal depauperado, deixou Portugal impreparado para fazer face às emergências. É urgente mudar e, já agora, acabar o conluio entre o PS e o PSD", disse o líder da IL.

> Líder da Iniciativa Liberal garante que o seu partido vai acabar com o bloco central em Portugal.

E tal como Nuno Melo, também João Cotrim de Figueiredo colocou em causa a política fiscal do governo. "A qualidade dos serviços públicos de que Portugal hoje não desfruta é completamente inversa à enormidade de impostos que o PS nos obriga a pagar. Isso torna particularmente lastimável, numa altura que tantos precisam de ajuda e tantos estão a sofrer com o fenómeno inflacionista, ver as pessoas de mão estendia porque os serviços públicos, para os quais pagam tantos impostos, não lhes estão a dar o apoio de que necessitam", considerou.

Para o presidente da IL, as responsabilidades pelo estado do país têm de ser repartidas pelos protagonistas do bipartidarismo: PS e PSD.

"As responsabilidades têm de ser postas à porta do PS, que mais tempo governou, mas também à porta do PSD, que tanto tempo também governou. Se os portugueses querem mais, querem um futuro mais difrente e oportunidades para todos, têm de meter na cabeça que têm de acabar com o bipartidarismo. E compete à IL acabar com o bloco central em Portugal", considerou.

A.C.

Opinião
Paulo Baldaia

O general Inverno voltará a ser aliado de Moscovo

Estando ainda longe do Inverno é já evidente que o apoio do Ocidente à Ucrânia, com as sanções económicas contra o regime de Putin, está a ser apontado como sendo responsável pela crise energética e inflacionista que está a deixar as classes médias e baixas à beira de um ataque de nervos. Os apoiantes de Moscovo, estejam na extrema-direita ou na extrema-esquerda, jogam com a falácia de que os povos das democracias ocidentais não precisariam de estar a sofrer com esta crise e que isso só acontece porque os seus governos os levaram para a guerra. Nesta falácia, obviamente, a defesa da Democracia não entra na equação, porque os radicais não a consideram essencial.

É claro que a guerra que resulta da invasão da Ucrânia pela Rússia agravou a crise energética e alimentou uma espiral inflacionista em que a contenção da maioria dos salários é o único ponto a contribuir para que a inflação não seja ainda mais alta. Só que esta perda de poder de compra provocada pela existência de salários que não acompanham a inflação, continuando, acabará por ser utilizada pelos populistas aliados de Putin para minar a confiança dos cidadãos nos governos democráticos que elegeram.

Convém lembrar que a inflação, que o BCE e a FED consideravam transitória, começou em 2021 e não resultou apenas das dificuldades nas cadeias de abastecimentos e da alta generalizada da energia mas, sobretudo, da existência de demasiado dinheiro no circuito. Os bancos centrais alimentaram a inflação, que deviam combater, despejando dinheiro na economia a juros muito baixos ou mesmo negativos. Uma vez mais, com medo do arrefecimento prolongado da economia, criaram uma nova crise com a estratégia utilizada para combater a crise instalada.

Dá medo, quando se ouvem os responsáveis políticos, como este fim de semana o Presidente da República, lançar sem grandes explicações a ideia de que o monstro da "inflação pode descer a partir de outubro ou novembro". Como se os milhares de milhões de euros das diferentes *bazucas* por essa Europa fora, mais os programas específicos de cada país para ajudar famílias e empresas a ultrapassarem uma crise energética, que se vai agravar no inverno, não fossem garantias suficientes de que a inflação se vai manter alta. Pode não ser de 9%, como está agora em Portugal, e ser de 8,5 ou 8 ou 7,5 no acumulado de 12 meses, ou descer dos 20% nos países bálticos, mas continuará a ser, ainda durante muito tempo, um problema sério para as famílias de menores recursos.

A questão é que é preciso dizer aos cidadãos, como sugere Emmanuel Macron, que o tempo de abundância acabou. A começar na abundância de dinheiro que governos irresponsáveis gostam de despejar em cima de todos os problemas, passando pela abundância de energia que governos irresponsáveis gostam de usar como se ela fosse ilimitada. Com a agravante, no caso dos países europeus, de terem de importar parte essencial da energia que consomem. A fatura aí está, cada vez mais pesada.

É com isso que conta Vladimir Putin. O inverno vai chegar e as opiniões públicas ocidentais não acharão tanta piada a apoiar a Ucrânia combatendo a Rússia com sanções, se isso significar uma recessão provocada pela falta do gás russo na indústria do centro da Europa e casas geladas. Em Moscovo, esfregam-se as mãos à espera da chegada do famoso general.

Jornalista

Júlio Barreiros e Vítor Silva do NISAC.

Madalena Santos abraça Vítor Silva.

FOTOS: GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Vítor Silva aperta a mão a Orlando, que vive sozinho.

Sapadores de Lisboa são os anjos da guarda de muitos idosos

SOLIDARIEDADE Bombeiros ajudam em tudo: desde mudar uma lâmpada, consertar um televisor e até nas lides domésticas.

TEXTO **SOFIA CRISTINO**

Passa pouco das 9.30 horas quando o comandante do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, Tiago Lopes, cumprimenta de fugida a equipa do Núcleo de Intervenção Social de Apoio ao Cidadão (NISAC). “São uns anjos”, elogia-os. Na azáfama do quartel, numa altura em que o país é fustigado pelos incêndios, Júlio Barreiros e Vítor Silva, do NISAC, têm uma missão diferente. Os bombeiros andam pela cidade, diariamente, a visitar idosos que vivem numa situação de vulnerabilidade social e a apoiarem-nos no que mais precisam.

Em São Domingos de Benfica, os olhos de Orlando Fernandes, 87 anos, brilham assim que recebe o cumprimento caloroso da equipa do NISAC. É num clima de boa-disposição, entre brincadeiras e recomendações, que os bombeiros se vão inteirando das principais necessidades do idoso.

“Já sabe o que vai ser a bucha? Precisa de ajuda?”, pergunta Vítor Silva ao octogenário, que naquela manhã só pede auxílio para vestir a camisa. O bombeiro mede-lhe ainda a tensão e a glicemia e vai dando conselhos, como beber água, numa semana em que as temperaturas quase atingiram os 40 graus.

> *“Já conseguimos tocar muitas pessoas com pequenos gestos e ações. Depende da nossa vontade, que vai muitas vezes para lá da nossa missão.”*
> **Júlio Barreiros**
> *Equipa do NISAC*

A escolha das pessoas que visitam é feita com base em registos de ocorrências de socorro, listas de idosos sinalizados ou acompanhados por programas municipais, entre outros.

“Vamos à procura de relatórios de socorro, como casos de pessoas caídas em casa, que nos indicam que pode haver ali alguma vulnerabilidade social. Começamos a monitorizar essas situações”, explica Júlio Barreiros.

“Salvamos-lhe a vida”

Eduardo Soares, 71 anos, vive sozinho e, após 11 intervenções cirúrgicas, perdeu alguma mobilidade, mas a solidão é o pior. “Os amigos estão como eu, já não fazemos farras. Faz-me bem falar e estas visitas ajudam”, confessa, sentado na sala que dá para o pátio onde tem um abacateiro.

Já não consegue apanhar os abacates, por isso é o bombeiro Júlio Barreiros que trepa à árvore e colhe os melhores. Noutras situações, também já mudaram lâmpadas, arranjaram televisores e até ajudaram nas lides domésticas.

“Às vezes, pegar numa esfregona e limpar um pequeno espaço, dar um abraço ou uma palavra faz uma grande diferença”, acredita Júlio.

Já são centenas as histórias, mas há uma que não se esquece. “Quando chegámos a casa do senhor Hélio, que já faleceu, só queria que lhe aquecêssemos uma caneca de leite. Disse que lhe salvámos a vida, foi muito comovente”, recorda.

locais@jn.pt

NISAC já sinalizou 700 idosos

O Núcleo de Intervenção Social de Apoio ao Cidadão (NISAC) dos Sapadores de Lisboa, constituído por 13 elementos disponíveis 24 horas por dia, registou 19 000 ocorrências e 700 sinalizações desde 2009. Quando o *DN* e *JN* acompanharam a equipa do NISAC, os bombeiros visitaram sobretudo idosos que usufruem do Serviço de Teleassistência da Câmara de Lisboa. Através deste, numa situação de emergência podem ligar para os bombeiros pressionando um botão de uma pulseira que faz a chamada sem ser necessário deslocarem-se ao telefone. Há 829 seniores a utilizarem este dispositivo.

Portugueses são os mais preocupados com a destruição das florestas

AMBIENTE Nove em cada dez portugueses aflige-se com o estado dos bosques, mais do que em outros países europeus, revela inquérito. Defendem restrições e a proibição de produtos nocivos.

TEXTO **CÉU NEVES**

MAURO PIMENTEL / AFP

Incêndio ilegal na floresta amazónica em Porto Velho, estado de Rondónia, Brasil, a 15 de setembro de 2021.

Os europeus, particularmente em Portugal, entendem que a questão ambiental é o segundo problema mais grave do mundo, depois da paz e estabilidade. Defendem que as empresas, que consideram os principais responsáveis pela proteção das florestas, não devem poder vender produtos que conduzam à desflorestação. A grande maioria concorda que a UE imponha restrições, o que o Parlamento Europeu vai votar dia 13. Conclusões de uma sondagem realizada em nove países para o Dia da Amazónia, celebrado hoje.

Os cidadãos dos nove países que participam no inquérito referem que o principal problema mundial é não haver paz e estabilidade, seguido da situação ambiental. Mas os portugueses destacam-se no que se refere ao terceiro motivo de preocupação, colocando a saúde em terceiro lugar. Os outros europeus envolvidos estão mais preocupados com a economia.

A sondagem foi realizada pela Global Scan, a pedido das associações ambientalistas e de consumidores. Decorreu entre 10 e 28 de julho, através de um questionário *online* a mil pessoas de cada um dos seguintes países: Áustria, República Checa, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Portugal, Espanha e Suécia.

Ao nível do ambiente, a destruição e degradação das florestas é o problema mais preocupante para os cidadãos europeus (77%), seguido da poluição da água e do ar (74%). Portugal responde mais uma vez diferente, com 91% dos inquiridos a afirmar uma preocupação extrema ou moderada em relação à floresta. Uma percentagem bem superior à aflição para com a poluição do ar e da água. O país coloca na segunda posição a escassez de água (92 %); em terceiro, a poluição e as alterações climáticas (89%) e, em quinto, as espécies selvagens e biodiversidade (87%).

Todos estes temas dizem muito aos portugueses, o que acontece também em Espanha e Itália, mais que nos outros países. Os suecos são os que revelam menos preocupações ambientais, com as percentagens dos muito e extremamente preocupados a rondar os 50 %.

"Há duas surpresas nesta sondagem. Os portugueses são os que revelam uma preocupação maior com a desflorestação e este tema está à frente da poluição do ar e da água e da escassez de água no topo das preocupações", sublinha Francisco Ferreira, presidente da associação ambientalista Zero, uma das organizações envolvidas na sondagem, a par da associação de consumidores Deco.

O responsável encontra duas explicações para que tal aconteça: "As notícias à escala mundial sobre a Amazónia e as florestas tropicais, em geral, e a destruição da nossa floresta devido aos incêndios, também pelos problemas que encerram em termos de gestão".

É por isso que os europeus em geral, e os portugueses em particular, defendem que as empresas não devem vender produtos que destroem as florestas e consideram que a comercialização dos mesmos deve ser proibida.

São fortemente a favor da proibição de produtos nocivos para as florestas, até porque têm dificuldade em distingui-los quando fazem as suas compras. E a grande maioria estaria disposta a deixar de comprar artigos que provoquem a degradação da floresta.

> Os portugueses são os que revelam uma preocupação maior com a desflorestação e este tema está à frente da poluição do ar e da água.

Óleo de palma e móveis

A preocupação com a agricultura industrial em particular é unânime, mas os portugueses colocam os madeireiros no topo, com 82% a manifestar essa opinião. Em segundo, surge a energia (69%) e, em terceiro, a agricultura industrial (67%). Para a grande maioria dos inquiridos, o fabrico de móveis e de óleo de palma são os maiores impulsionadores da desflorestação mundial. Logo depois, da produção de rações para animais, da soja e da carne. Refira-se que estes produtos estão na lista de restrições que a UE tenciona impor.

As grandes empresas são vistas como os atores com mais responsabilidade na proteção da floresta, seguidas pelos organismos internacionais, como a ONU, dos governos nacionais e dos dirigentes da UE. Os inquiridos em Portugal apresentam uma ordem diferente. Entendem que a principal responsabilidade é do governo e da UE (51%), colocando em segundo plano as empresas e as organizações como a ONU (44%).

Informados sobre a intenção da UE em legislar sobre esta matéria, as respostas são favoráveis em 81%. Oito em cada dez europeus apoia uma lei para produtos livres de desflorestação.

E essa legislação está numa fase avançada, com a proposta do Conselho a ser votada no dia 13 no Parlamento Europeu. Estabelece novas regras para todos os operadores e comerciantes que colocam ou disponibilizam no mercado da UE, ou dele exportam os seguintes produtos: óleo de palma, carne de bovino, madeira, café, cacau e soja. Aplicam-se também a uma série de produtos derivados, como seja o couro, o chocolate e o mobiliário.

ceuneves@dn.pt

173 mil chamadas para apoio psicológico

A Linha de Aconselhamento Psicológico do SNS24, criada em abril de 2020 na sequência da pandemia, atendeu 173 mil chamadas, mais de um quarto dos quais já este ano: 46 mil. A maioria dos problemas estão relacionados com situações de ansiedade, agravamento de psicopatologias, gestão e adaptação em situação de crise.

A linha foi criada há quase dois anos e meio com a intenção de dar um apoio especializado aos cidadãos, sobretudo pelas consequências mentais provocadas pela pandemia.

Os números foram avançados ontem, Dia Nacional do Psicólogo. A linha de aconselhamento é uma parceria entre os Serviços Partilhados do Ministério da saúde (SPMS), a Fundação Calouste Gulbenkian e a Ordem dos Psicólogos Portugueses. Só neste ano, ultrapassaram as 46 mil chamadas. E, desde abril, passaram a disponibilizar o ser- viço também em língua inglesa, o que resultou no atendimento de 2500 chamadas.

Segundo refere a SPMS em comunicado, o atendimento telefónico "é sempre feito por psicólogos, que procuram dar uma resposta de proximidade em Saúde Mental aos cidadãos" que contactam este serviço.

Nas situações mais complexas, emergentes, "em que o psicólogo identifica que existe perigo para o próprio utente ou para terceiros, a chamada é transferida para o INEM, que assegura o acionamento dos meios de socorro adequados", explicam os responsáveis da SPMS.

Paralelamente, o psicólogo "pode identificar a necessidade de encaminhamento do utente para o Serviço de Triagem, Aconselhamento e Encaminhamento do SNS24, se considerar que a situação não ficou resolvida com o aconselhamento psicológico telefónico ou que apresenta outro tipo de sintomatologia".

DN/LUSA

José Manuel Garcia
"É a Elcano que se deve a glória de ter concluído a primeira Volta ao Mundo, apesar de a ter realizado por desespero"

CIRCUM-NAVEGAÇÃO Três anos depois do início da expedição, uma nau solitária regressa a Espanha sob comando de um basco. Faz amanhã 500 anos. O historiador José Manuel Garcia, biógrafo de Fernão de Magalhães, explica que a Circum-navegação não era o objetivo inicial, mas não deixa de ser um feito. Morto nas Filipinas em 1521, o português Magalhães foi, porém, o cérebro do projeto e também o navegador que, ao serviço de Carlos V, descobriu o estreito a ligar o Atlântico ao Pacífico e depois cruzou todo o imenso mar desconhecido até uma Ásia onde já tinha estado em busca das especiarias, mas às ordens de D. Manuel I.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

É surpresa total a chegada de Juan Sebastián Elcano e dos poucos sobreviventes na nau *Vitoria* a Espanha, a 6 de setembro de 1522?
Foi um espanto absoluto, na medida em que nunca se poderia ter suposto à partida, em 20 de setembro de 1519, da Armada de cinco naus comandada por Fernão de Magalhães que dela apenas tenha regressado a Espanha uma nau, quase três anos depois, trazendo apenas 18 sobreviventes e, ainda por cima, sob o comando imprevisível de Elcano. O que era suposto ter acontecido era que a Armada tivesse continuado sobre o comando de Magalhães durante os dois anos inicialmente previstos para a duração da viagem e que, apesar de um muito alto número de vítimas que viesse a ocorrer, não tivessem regressado tão poucos homens, ainda que 55 já tivessem voltado a Espanha na nau *Santo António*, depois da sua fuga no Estreito de Magalhães, e depois ainda tivessem regressado à Europa mais 17 tripulantes.

Qual o mérito deste navegador espanhol, que em 1519, quando o português Fernão de Magalhães iniciou a sua viagem, nem sequer era figura de topo na expedição?
É ao basco Juan Sebastián Elcano que se deve exclusivamente a glória de ter concluído a primeira Volta ao Mundo feita de seguida, apesar de a ter realizado por desespero e contra as ordens de Carlos V. A primeira Volta ao Mundo feita de uma forma contínua e direta foi terminada em 1522 sob a direção de Elcano, devido a uma daquelas contingências inesperadas da História que, por vezes, acontecem. Elcano estava bem consciente do feito gigantesco que acabara de realizar, como o demonstrou logo que, em 6 de setembro 1522, chegou a San Lúcar de Barrameda. Com efeito na carta que nesse dia enviou a Carlos V escreveu: "Mais saberá sua alta majestade que aquilo que mais devemos estimar e considerar é que descobrimos e rodeámos toda a redondeza do mundo, indo para o ocidente e vindo pelo oriente". Elcano, de início, estava afastada da direção da expedição pois seguiu como mestre da nau *Concepción* tendo sido apenas em 16 de setembro de 1521, quando o que restava da Armada estava em Bornéu, que ele foi nomeado capitão da nau *Vitoria*, depois da destituição do seu então comandante, o português João Lopes de Carvalho.

A circum-navegação que Elcano completou nunca foi sequer o objetivo da missão financiada pelo imperador Carlos V, certo?
A volta à Terra que Elcano acabou por realizar não só nunca foi o objetivo da viagem concebida por Magalhães, que era ir às Molucas por Ocidente, provar que essas ilhas pertenciam a Espanha e, de seguida, regressar pelo mesmo caminho, como foi expressamente proibida a eventualidade de a fazer. Com efeito Carlos V deu ordens categóricas e muito claras de que a Armada deveria regressar pelo mesmo caminho que fizesse para chegar às Molucas, pois não poderia ,de forma alguma, passar pelas áreas sob o Domínio Português do Oriente que haviam sido determinadas pelo Tratado de Tordesilhas, o qual ele queria respeitar. Tal facto impossibilitava qualquer tentativa de realizar uma volta ao mundo. A prova evidente de tal realidade resulta do facto de uma viagem como a que foi realizada por Elcano nunca mais ter sido feita, pois após 1522 Carlos V continuou a proibir que os castelhanos passassem pela parte portuguesa do mundo. Elcano só navegou das Molucas até Espanha navegando pelo sul do oceano Índico, para assim escapar à sua captura pelos portugueses, porque teve receio de arriscar a vida num imprevisível regresso pelo Oceano Pacífico através de uma rota desconhecida, como ainda o tentou fazer em vão a *Trinidad*, o outro navio da Armada então comandado por Gonzalo Gómez de Espinosa.

É graças ao italiano Antonio Pigafetta, um dos sobreviventes, que conhecemos o que se passou na expedição destinada a encontrar as ilhas das especiarias viajando para Ocidente, ou houve outros relatos que permitiram também apurar todos os percalços quase desde o início?
A relação escrita por Antonio Pigafetta constitui a principal fonte da viagem, mas há outros testemunhos importantes, de que destaco o diário que dela foi feito pelo grego Francisco Albo, o qual é muitas vezes mais rigoroso e completo na descrição de pormenores da navegação do que a obra de Pigafetta. Temos ainda relatos feitos pelas seguintes personalidades, que participaram na expedição: Martin de Ayamonte, Léon Pancaldo, Ginés de Mafra, Gonzalo Gómez de Espinosa e um português que ficou anónimo que talvez se chamasse Luís Peres. Há também textos importantes baseados em testemunhas presenciais que foram escritos por António de Brito, Maximiliano Transilvano e Pietro Martire d'Anghiera, além dos registos mais ou menos importantes deixados por cronistas portugueses e castelhanos.

Magalhães foi boicotado desde o início pelos espanhóis porquê, já que contava com o apoio do soberano?
Desde o início da viagem houve má vontade dos capitães espanhóis contra Magalhães pelo facto de este capitão-mor da Armada ser um português que havia ido para Espanha havia apenas dois anos e porque era um fidalgo pouco importante, sendo, por isso, que eles tinham dificuldade em submeter-se à sua autoridade, embora eles não tivessem quaisquer conhecimentos de navegação.

Elcano chegou a estar numa das revoltas?
Sim, Elcano chegou a ser um dos protagonistas do motim que ocorreu em 1 de abril de 1520 no Puerto de San Julian, na Argentina, o qual visava destituir Magalhães do comando da Armada e fazê-la regressar a Espanha. Depois de Magalhães ter conseguido assumir de novo o controlo da Armada, Elcano foi um dos 40 condenados à morte pela sua revolta, mas todos foram amnistiados, pois eram necessários para a continuação da viagem. De Elcano, apenas se voltou a ouvir falar quando passou a ser o capitão da nau *Vitoria*. É de notar que a maior parte da tripulação admirava Magalhães.

A passagem do Estreito de Magalhães é o grande feito da expedição?
O descobrimento e passagem do Estreito de Magalhães foi o principal sucesso alcançado por Magalhães, pois foi ele que lhe permitiu conhecer a tão desejada e procurada ligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico, a qual lhe permitiu fazer, pela primeira vez, a assombrosa travessia do Oceano Pacífico em toda a sua enorme extensão que até então era ignorada. Foi esta realização que lhe permitiu descobrir ser a parte aquá-

"Colombo descobriu um novo mundo a Ocidente, Vasco da Gama iniciou uma ligação direta com o Oriente e Magalhães acabou de descobrir completamente a Terra ligando o Ocidente e o Oriente. Foi devido aos seus feitos marítimos que estes homens se afirmaram como figuras decisivas no progresso da Humanidade."

tica do planeta maior do que a terrestre.

Quando chega às Filipinas, Magalhães, de certa forma, dá a Volta ao Mundo, pois já estivera perto, nas Molucas?

Consideramos que o facto mais importante da história de Magalhães consiste na circunstância de perceber que ele foi o primeiro homem a alcançar o conhecimento da Terra tal como ela é. Esta importantíssima realidade deriva do facto de ele ter conseguido acabar de dar uma volta à Terra quando, em 1521, chegou às Filipinas com os espanhóis, porque antes, em 1512, ele já havia logrado ir com os portugueses às ilhas do sul das Molucas, pois estas encontravam-se numa longitude semelhante à das Filipinas. Foi assim que, em duas fases, Magalhães realizou a primeira viagem de circum-navegação da Terra, o que, apesar de ter sido feito de forma indireta, sublinhamos, constituiu um dos feitos mais notáveis da História da Humanidade. Esta realidade não impede, de qualquer forma, de sublinhar a grande glória que se deve a Elcano de ter sido ele que, de facto, conseguiu fazer a primeira Volta ao Mundo direta.

É por excesso de confiança que Magalhães se deixa envolver num conflito local e acaba morto?

A morte de Magalhães, em 27 de abril de 1521, resultou de um excesso de confiança na capacidade bélica de que um pequeno grupo de 49 homens poderia vencer uma força ignorada de nativos da Ilha de Mactan, nas Filipinas. Os inimigos, contudo, eram em número superior a 1500 ferozes guerreiros e conseguiram derrotá-los. É de estranhar que um homem com experiência bélica, como era Magalhães, tivesse realizado tal ação em condições manifestamente adversas, tanto mais que ele saberia que os nativos poderiam oferecer uma resistência maior e conheceria o seu tipo de armamento, pois já estava nas Filipinas há bastantes dias. Há a considerar, contudo, que uma atitude tão irracional de Magalhães possa estar relacionada com uma situação de desespero em que ele se encontrava. Com efeito, verificamos que, segundo um registo do piloto Francisco Albo, se havia verificado que a expedição, ao chegar às Filipinas, já estava na parte portuguesa do mundo, o que ia contra a expectativa e os cálculos realizados por Magalhães sobre a localização das Molucas, que defendia estarem na parte espanhola. Assim sendo quando Magalhães decidiu lutar talvez se possa pensar que ele estava a cometer um ato de desespero resultante da circunstância de ter considerado que a sua missão havia falhado. Não se trataria assim, e apenas, de uma iniciativa completamente despropositada e inútil, só para patentear o seu poder junto do rei de Cebu, que se lhe submetera e a quem queria impressionar.

"A volta à Terra que Elcano acabou por realizar não só nunca foi o objetivo da viagem concebida por Magalhães, que era ir às Molucas por Ocidente, provar que essas ilhas pertenciam a Espanha e, de seguida, regressar pelo mesmo caminho, como foi expressamente proibida a eventualidade de a fazer."

Sabe-se as razões de Magalhães ter oferecido os serviços a Carlos V, depois de tantos anos a trabalhar para D. Manuel I?

Foram duas as principais razões que levaram Magalhães a pôr-se o serviço de Carlos V, contra os interesses do rei português. A primeira e a mais importante foi a de que este não lhe deu um aumento de 100 reais mensais na sua "moradia" (salário), o que ele considerou uma ofensa, tendo em conta a valia dos serviços que desde 1505 havia feito ao rei no Oriente e em Marrocos. Foi devido a tal atitude que ele, agastado, foi para Sevilha, onde chegou em 20 de outubro de 1517, com a intenção de se pôr ao serviço de Carlos V. Há, no entanto, um outro motivo importante para ele ter abandonado Portugal, o qual consistiu no facto de o rei não lhe ter dado autorização para regressar às Molucas pelo lado português (oriental). Com efeito Magalhães declarou por carta enviada em 1516 ao seu amigo Francisco Serrão, nas Molucas, que "cedo se veria com ele [nas Molucas]; e que, quando não fosse per via de Portugal, seria per via de Castela, porque em tal estado andavam suas cousas; portanto que o esperasse lá". Como ele não resolveu o seu contencioso com D. Manuel, e não pôde ir para as Molucas por oriente, decidiu lá ir por ocidente, isto é, pela parte do mundo que pertencia a Castela.

Havia marinheiros, não só espanhóis e portugueses, mas de muitas outras nacionalidades, não é?

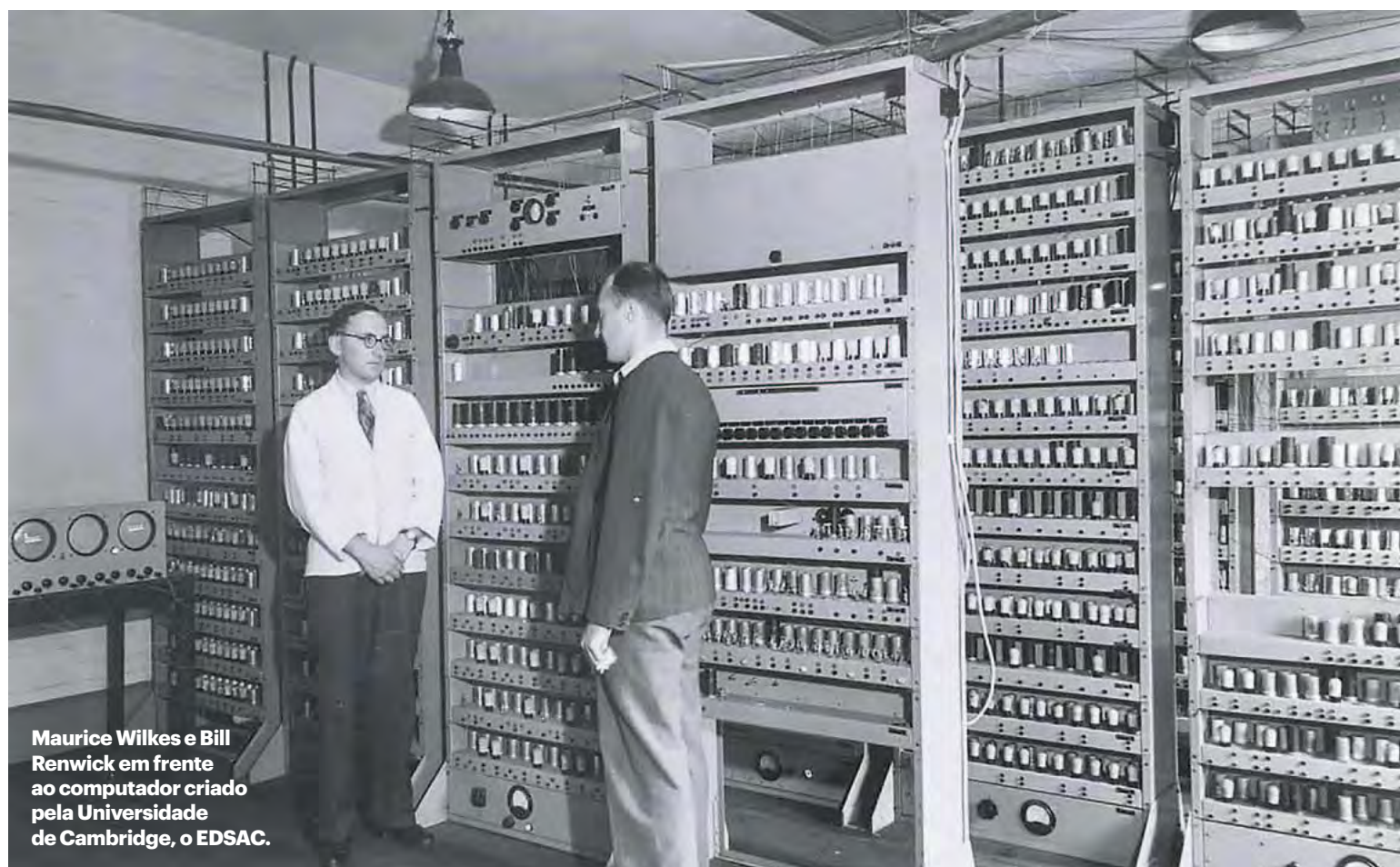
Dos 237 homens que em Sevilha embarcaram na Armada de Magalhães a maioria veio das várias regiões de Espanha, mas havia tripulantes de mais oito nacionalidades: 34 portugueses, 24 italianos, 19 franceses, 9 gregos, 5 flamengos, 4 alemães, 2 irlandeses e 1 inglês. Embora estejamos, obviamente, perante uma expedição exclusivamente castelhana, podemos dizer que, tendo em conta o amplo leque da nacionalidade dos que nela participaram, se tratou de uma realização europeia e, por tal motivo, consideramos que seria de erguer um digno memorial que evocasse os nomes de todos esses heroicos participantes naquela que foi a mais longa, difícil e significativa viagem marítima de todos os tempos.

Elcano regressa, vivo, Magalhães morre a meio. Mesmo assim, é Magalhães que é reconhecido como um grande navegador. Como explica?

É muito fácil explicar tal facto, porque foi Magalhães que, graças à sua larga experiência de navegação que alcançara ao viajar por todo o Oriente, entre 1505 e 1513, não apenas concebeu o projeto da viagem que queria realizar para ocidente a fim de encontrar as Molucas ricas em especiarias, mas sobretudo porque foi ele que dirigiu tal viagem na sua parte original e mais difícil. Foi assim que conseguiu descobrir, só por si, a metade do mundo que que ainda faltava conhecer, a qual corresponde à parte que vai do Rio da Prata até às Filipinas. Ao fazer então uma navegação por "mares nunca dantes navegados" acabou de percorrer, pela primeira vez na História, todos os oceanos do planeta o que lhe permitiu conhecê-lo em toda a sua plenitude.

Magalhães, Cristóvão Colombo, Vasco da Gama. Algo em comum entre estes três navegadores que mudaram o nosso conhecimento do mundo na passagem do século XV para o XVI?

O que há de comum entre todos eles encontra-se na grande ousadia e capacidade de enfrentar o desconhecido que revelaram para conseguirem alcançar os seus objetivos e, assim, terem permitido que se alcançasse a real imagem do mundo que antes deles não existia. Colombo descobriu um novo mundo a Ocidente, Vasco da Gama iniciou uma ligação direta com o Oriente e Magalhães acabou de descobrir completamente a Terra ligando o Ocidente e o Oriente. Foi devido aos seus feitos marítimos que estes homens se afirmaram como figuras decisivas no progresso da Humanidade e se libertaram "da lei da morte".

leonidio.ferreira@dn.pt

Maurice Wilkes e Bill Renwick em frente ao computador criado pela Universidade de Cambridge, o EDSAC.

1950, o ano em que o Jogo do Galo recebeu inteligência artificial

CIÊNCIA VINTAGE Com origens ancestrais, o Jogo do Galo, ou *Tic-Tac-Toe* como é apelidado na América do Norte, saltou para os ecrãs de computadores no início da década de 1950.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Numa foto captada para a revista *Life* em agosto de 1950, o comediante e ator norte-americano Danny Kaye não esconde o seu regozijo. Kaye, a protagonizar na época filmes como *The Inspector General* e *A Song Is Born*, acabara de derrotar a máquina com a qual se lançara numa acesa competição. *Bertie the Brain*, possante, com os seus quatro metros de altura, interagia com os visitantes da Exposição Nacional Canadiana. A centenária mostra de Toronto, de 25 de agosto a 9 de setembro, apresentava os avanços na tecnologia e no comércio. Fazendo uso da sua inteligência artificial arcaica, *Bertie the Brain* desafiava humanos a empreenderem uma partida de um jogo com origens milenares. Aos dois competidores de *Tic-Tac-Toe* basta-lhes munirem-se de lápis, desenharem uma grelha de três por três campos numa folha de papel e, revezando-se, inscreverem um X e um 0 nesses campos. O jogador que conseguir alinhar na horizontal, vertical e diagonal o seu símbolo, sai vencedor da partida.

O *Tic-Tac-Toe* dos norte-americanos encontra congéneres europeus, como o nosso Jogo do Galo e o *Noughts and Crosses* britânico, assim como na América do Sul, com o brasileiro Jogo da Velha.

No caso de *Bertie the Brain*, o jogo de cruzes e zeros abandonava os seus territórios ancestrais, com grelhas desenhadas no solo, em pedra e no papel, para se apresentar aos praticantes num ecrã animado por um tubo de vácuo, janela para o cérebro artificial da máquina. Para a história, *Bertie the Brain* inscreve-se como a primeira máquina, fora dos laboratórios de investigação, a correr um jogo de computador acessível ao público.

Danny Kaye precisou de algumas dezenas de partidas para levar o seu X, o "cérebro humano" a derrotar o 0 do "cérebro eletrónico" que apresentava vários níveis de dificuldade. Um momento acompanhado por Josef Kates, engenheiro computacional, nascido em 1921 em Viena, na Áustria, mentor e executor de *Bertie the Brain*.

A fotografia captada por Bernard Hoffman, repórter da revista *Life* significava mais do que notoriedade para o computador de Josef Kates. No momento em que Danny Kaye disputava, à vez com o computador, os seus movimentos na grelha de jogo, através de um dos nove botões de que dispunha, Kates aspirava ao sucesso do seu invento, o tubo de vácuo a que chamou Additron (vinha substituir uma rede de dez tubos de rádio).

Bertie the Brain fazia o papel de Cavalo de Troia de Kates na Exposição Nacional Canadiana, para "infiltrar" o seu Additron junto de potenciais compradores da área das tecnologias.

Nas três décadas anteriores, o cientista radicado no Canadá concluíra um percurso notável. Quinto de seis filhos de uma família austríaco-judaica, Josef Kates viajara sozinho, em 1938, rumo a Itália. Com 17 anos, o jovem fugia à perseguição Nazi perpetrada aos judeus na Áustria. Josef juntar-se-ia à família já em Inglaterra em 1939.

Nesse ano, alistou-se no Exército britânico, embora não tenha chegado às linhas de combate. Visto como um estrangeiro inimigo, Kates foi enviado para um Campo de Internamento no Canadá, nas províncias de Nova Brunswick e Quebec. Aí, ficou detido dois anos, os quais dedica aos estudos com vista a um futuro ingresso na universidade.

Após a libertação, em 1942, Josef Kates muda-se para Toronto onde se casa com Lillian Kroch e inicia a sua carreira profissional na Imperial Optical Company. Em 1944, com os estudos universitários concluídos em Matemática e Física, Kates contribui com o seu trabalho para a tecnológica Rogers Vacuum Tube Company e, mais tarde, no Centro de Computação da Universidade de Toronto, para a construção do primeiro computador canadiano, o UTEC (Universidade de Toronto Electronic Computer Mark I). De permeio, Josef Kates reunia conhecimento. Queria com o seu tubo de vácuo revolucionar em dimensão e complexidade o futuro dos computadores.

Longe do sorriso sardónico de Danny Kaye na sua vitória contra *Bertie*, a Inglaterra também dava os seus primeiros passos na ciência computacional. Na década de 1940, a Universidade de Cambridge, laborava no seu computador, o portentoso Electronic Delay Storage Automatic Calculator (EDSAC), a ocupar uma sala no Laboratório de Matemática da referida instituição.

Na década de 1950, os computadores assemelhavam-se a enormes máquinas de cartões perfurados e com resultados impressos em tiras de papel. O EDSAC apresentava uma singularidade, ao possuir saídas gráficas em três monitores de tubos de raios catódicos. Nos ecrãs desfilava o estado da memória do computador. Uma porta aberta para o cérebro da máquina utilizada por Alexander Shafto Douglas, professor de Ciência Computacional da Universidade de Cambridge.

Servindo-se de um dos monitores do EDSAC, Alexander programou um jogo como parte da sua tese sobre interação humana com computadores. Um trabalho seminal que espicaçava no cérebro da máquina construída pelo cientista computacional britânico Maurice Wilkes, o potencial para disputar com um oponente humano uma versão de *Tic-Tac-Toe*.

O OXO, assim apelidado mais tarde o jogo pelo historiador de computação Martin Campbell-Kelly, entregava o X ao contendor humano e o 0 à máquina. O utilizador digitava a sua entrada recorrendo ao disco rotativo de um telefone. Cada número correspondia a uma posição na grelha. Ao contrário de *Bertie the Brain* com exposição pública, OXO nunca saiu do Laboratório de Matemática da Universidade de Cambridge.

A 11 de julho de 1958, o EDSAC entregou através dos seus monitores os últimos relatórios de estado da memória. Depois, foi desligado e com ele expirou a curta existência de OXO, tido como um dos primeiros exemplos entre os jogos de vídeo (uma tese discutida, visto não apresentar gráficos em movimento e em atualização continua).

No Canadá, Josef Kates viu esboroar-se o sonho de sucesso à boleia do seu Additron. O advento da era dos transístores, muito mais pequenos e menos ávidos de energia, anulou as perspetivas comerciais para o tubo de Kates.

Ao falecer em 2018, aos 97 anos, a Josef Kates foi tributado um invento que mudou a forma como interagimos com as cidades. Em 1954, o cientista projetou o sistema automatizado de sinalização de trânsito de Toronto, o primeiro no mundo.

dnot@dn.pt

O famoso questionário Proust respondido pelo Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro **Emídio Gomes**

"Ocupação preferida? Andar a pé pelos montes, com um cão ao lado a farejar perdizes"

A sua virtude preferida?
Gratidão, associada a amizade e lealdade.

A qualidade que mais aprecia num homem?
Ser amigo do seu amigo.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
Que seja mulher.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Que o sejam mesmo!

O seu principal defeito?
Obstinação.

A sua ocupação preferida?
Anda a pé pelos montes, com um cão ao lado a farejar perdizes.

Qual é a sua ideia de "felicidade perfeita"?
A família bem e por perto.

Um desgosto?
A perda da minha mãe.

O que é que gostaria de ser?
Não sei, tento estar bem com o que faço.

Em que país gostaria de viver?
Portugal ou França.

A cor preferida?
Azul e Branco!

A flor de que gosta?
Não aprecio muito flores.

O pássaro que prefere?
O canário.

O autor preferido em prosa?
Eça de Queirós.

Poetas preferidos?
Pessoa e Torga.

DR

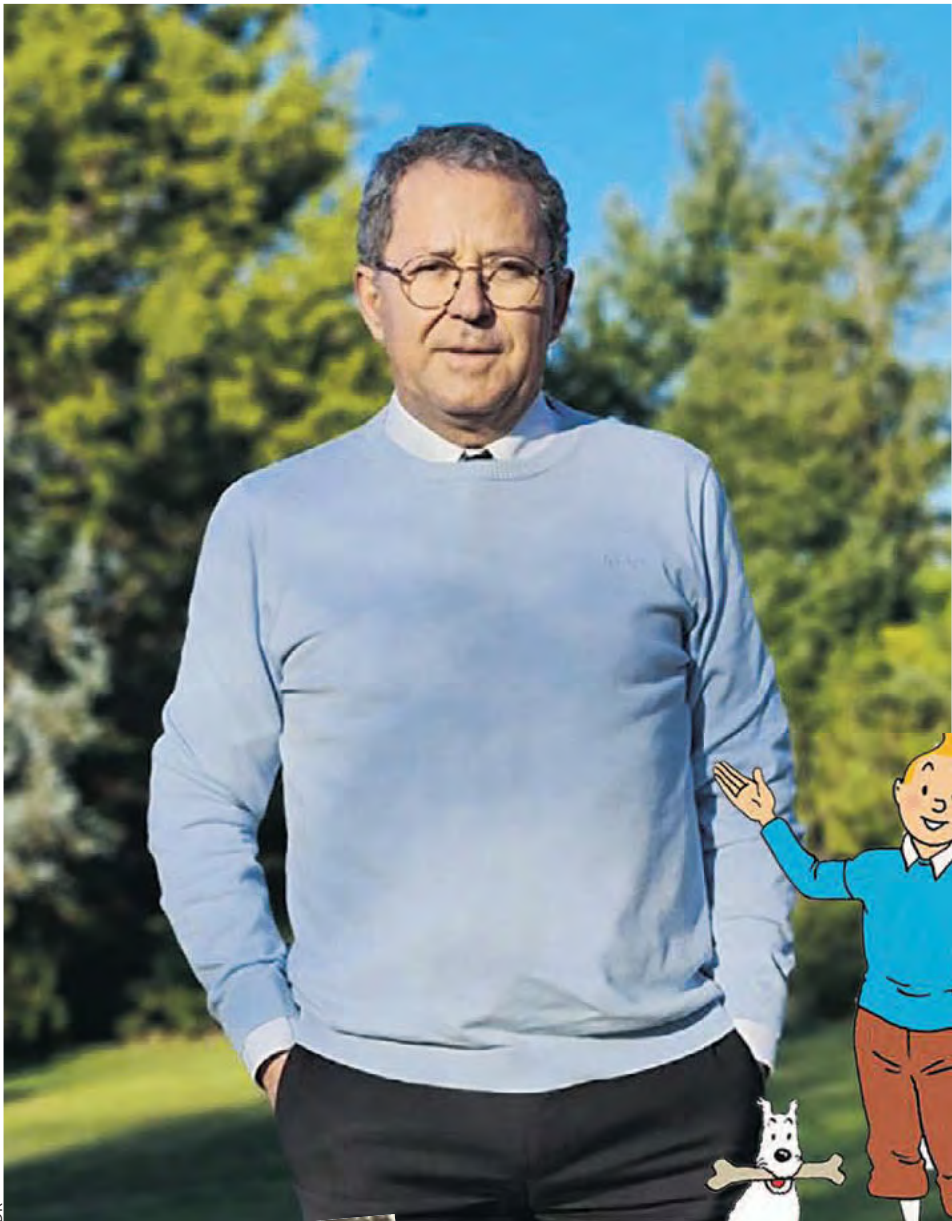
O seu herói da ficção?
Tintim.

Heroínas favoritas na ficção?
Não tenho.

Os heróis da vida real?
Os meus filhos.

As heroínas históricas?
Marie Curie e Anne Frank.

Os pintores preferidos?
René Magritte, Miguel Ângelo e Claude Monet.

Compositores preferidos?
Beethoven, Mozart e Schubert.

Os seus nomes preferidos?
José e Francisco.

O que detesta acima de tudo?
A deslealdade e ingratidão.

A personagem histórica que mais despreza?
Hitler.

O feito militar que mais admira?
Desembarque da Normandia.

O dom da natureza que gostaria de ter?
Gostar de voar.

Como gostaria de morrer?
Não sei, não quero.

Estado de espírito atual?
Tranquilo nuns dias, inquieto noutros.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Os dos meus cães.

A sua divisa?
Quanto mais difícil, mais rápida deve ser a solução .

30% dos veículos elétricos vendidos são usados e vêm do estrangeiro

COMÉRCIO Sem automóveis novos para entrega, setor aumenta importação de usados, incluído de elétricos. Atraso na entrega destes veículos compromete acesso ao incentivo do Estado. Elétricos trazem profundas alterações no modelo de negócio dos concessionários.

TEXTO **HELENA C. PERALTA**

A falta de veículos novos para entrega imediata, que consequentemente leva à falta de usados seminovos para venda no mercado nacional, está a afetar igualmente o segmento dos veículos elétricos. Segundo informações recolhidas junto da direção da Associação de Utilizadores de Veículos Elétricos (UVE), "a demora nas entregas de veículos novos é um desafio para os novos utilizadores que pretendam beneficiar do incentivo de aquisição (Incentivo pela Introdução no Consumo de Veículos de Emissões Nulas 2022), gerido pelo Fundo Ambiental, visto que os veículos elegíveis para essa ajuda têm de ser matriculados este ano e as candidaturas encerram a 30 de novembro de 2022". Porém, a associação afirma que, apesar destes constrangimentos, todos os produtos 100% elétricos estão vendidos e a maioria das marcas compromete-se com prazos de entrega entre seis a 12 meses. Já Rodrigo Ferreira da Silva, presidente da Associação Nacional do Ramo Automóvel (ARAN), vai mais longe e fala mesmo em 18 meses, em média, de espera na entrega deste tipo de viaturas.

Para fazer face à crescente procura nacional de veículos elétricos, a importação de automóveis usados tem aumentado a bom ritmo (bem como a importação de automóveis a combustão). As contas da UVE, numa recente análise ao setor, mostram que os veículos elétricos importados usados representam cerca de 30% do mercado dos elétricos em Portugal. "Embora este tipo de veículos usados não seja elegível para o benefício do incentivo do Fundo Ambiental, os veículos 100% elétricos usados continuam a beneficiar da isenção do ISV – Imposto Sobre Veículos e do IUC – Imposto Único de Circulação", afirma a direção da UVE.

Contudo, a mesma associação esclarece que, "embora exista demora na entrega de veículos, é ainda possível encontrar marcas com carros disponíveis para entrega imediata e isso é visível pelas vendas que têm tido um crescimento muito expressivo".

Assim, em julho último, venderam-se 2649 veículos 100% elétricos e híbridos *plug-in* novos, uma diminuição de 12% face ao mês de junho, sendo que os automóveis 100% elétricos foram mais penalizados pela falta de veículos, com uma quebra de 21%. Mesmo assim, o mercado dos elétricos aumentou 61,5% face ao mesmo mês de 2021, o que, segundo a associação, mostra que, se existissem mais veículos, estariam certamente todos vendidos. Desde o início deste ano foram vendidos quase 19 mil veículos das duas tipologias, uma quebra considerável face a 2021, ano em que se venderam quase 30 mil.

Outra questão que fontes do setor estão a reportar é que, devido aos atrasos na entrega, quem quer beneficiar dos incentivos do Ministério do Ambiente, que atinge os 4 mil euros no caso dos ligeiros de passageiros 100% elétricos, num valor máximo de aquisição de 62 500 euros, há clientes que, perante o atraso e uma vez que está ultrapassado o prazo de candidatura, pedem para entregar e faturar o veículo só no próximo ano, na esperança de poderem assim candidatar-se logo no início.

Sérgio Mendes e Telmo Azevedo, ambos da direção da UVE, afirmam que, de facto, têm conhecimento de que vários utilizadores estão a fazer esse pedido aos vendedores, mesmo sem se saber se haverá incentivos no próximo ano.

"Como muitos vendedores querem faturar já este ano, há duas situações em curso: uns dizem aos clientes que, assim sendo, perdem a vez na chegada do *stock* – pois conseguem entregar esse carro a quem o queira já este ano – ficando na lista de espera para o próximo ano. Outros aplicam um desconto (idêntico ao de frota), igual ao valor do incentivo, para fazerem a venda do veículo ainda este ano", esclarecem os dois responsáveis.

EPA/JOHN G. MABANGLO

Candidaturas para incentivos de ligeiros já atingem as 1730

Apesar de ainda estarem a decorrer, as candidaturas para o Fundo Ambiental no segmento dos ligeiros de passageiros já ultrapassaram largamente o número de incentivos a atribuir. O Estado tem disponíveis 1300 incentivos, num valor máximo de 5,2 milhões de euros, e as candidaturas já ascendem a 1730, ainda que só 481 tenham sido aprovadas, estando 1193 por avaliar.

No caso dos ligeiros de mercadorias 100% elétricos (incentivo de 6 mil euros), apenas estão disponíveis para 150 veículos, num valor máximo de 900 mil euros, já foram apresentadas 229 candidaturas e apenas 84 já aceites.

Questionada a UVE sobre se ainda valia a pena apresentar mais candidaturas, os responsáveis esclarecem que, como existe um valor de incentivos a atribuir às candidaturas em lista de espera por verba esgotada ou fim de prazo, o valor do acumulado não-atribuído nas restantes tipologias será distribuído pelas candidaturas em lista de espera.

Já Hélder Pedro, secretário-geral da Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP), refere que já há cerca de 400 modelos de elétricos disponíveis no mercado nacional, o que quer dizer que esta é uma solução que se está a impor. "Porém, tem de haver mais incentivos para a mobilidade elétrica. Os incentivos para os ligeiros de passageiros passaram para 4 mil euros, mas em Espanha, França e Itália é de 6 mil, 7 mil, 8 mil. Na Alemanha é de 9 mil euros", explica.

> "Há fabricantes automóveis a proporem modelos de agenciamento ilícitos, ou seja, a marca mantém o controlo dos preços de revenda, mas o risco mantém-se do lado dos concessionários."
> **Rodrigo Ferreira da Silva**
> *Presidente da ARAN*

Apesar da diferença de incentivos, os preços de venda desses veículos são idênticos em todos os mercados europeus, sendo que o poder de compra destes países é muito diferente do nacional.

"Os elétricos puros são cerca de 10,5% do mercado, [que] tem vindo a evoluir e vai continuar nos próximos anos. Atualmente, somos o 9.º país em termos de percentagem, mas já estivemos em 4.º, pois os outros países puxaram pelo aumento de incentivos e Portugal estagnou."

Elétricos trazem profundas mudanças nos modelos de negócio

O modelo de negócios da distribuição está a mudar com o advento dos veículos elétricos. Estudos como o *Global Automotive Executive Survey 2021*, realizado pela consultora KPMG, mostram que os executivos acreditam que haverá uma profunda mudança na forma como os consumidores adquirem os seus veículos: a maioria das vendas será feita *online* até 2030, e cerca de 40% dos veículos serão comercializados diretamente pelos fabricantes, dispensando assim intermediários.

Perante o atraso, há clientes que, como vão receber o elétrico depois do fim do prazo para os incentivos, pedem para entregar e faturar o veículo só no próximo ano.

Esta profunda revolução no setor já teve início e os concessionários estão a começar a perceber as mudanças que aí vêm. Muitos são os desafios que enfrentam, e que poderão, eventualmente, não conseguir acompanhar.

Fundada em 2003, para produzir veículos elétricos, a Tesla revolucionou o mercado ao vender os seus automóveis diretamente ao consumidor final. Foi o princípio do fim da distribuição tradicional, com um modelo que se mantinha há décadas.

A pandemia acelerou a transformação que já se fazia sentir: fabricantes perceberam que podiam vender diretamente *online* o seu produto, tomando para si toda a cadeia de valor.

Além disso, há outros protagonistas, fora deste universo, a entrar no mercado: Fnac e Worten, por exemplo, já iniciaram a venda de automóveis, em modelo de *renting*, acreditando que, no futuro, os veículos se venderão sobretudo no canal digital e em modelos de subscrição mensal.

Alguns dos maiores fabricantes automóveis já anunciaram a venda direta do segmento de elétricos, como a Volvo; outros dispensaram já boa parte dos seus concessionários, como a Renault; e outros ainda anunciaram que criaram um novo formato de distribuição, o modelo de agência, como a BMW e a Mercedes Benz.

"Atualmente, somos o 9.º país em termos de percentagem [com mais veículos elétricos], mas já estivemos em 4.º, pois os outros países puxaram pelo aumento de incentivos e Portugal estagnou".

Hélder Pedro
Secretário-geral da ACAP

Neste último formato, os atuais concessionários atuam como um agente de vendas – um pouco à semelhança das imobiliárias –, em que o fabricante estipula o preço final, assume os riscos financeiros e de investimento, sendo o distribuidor um mero intermediário, cobrando as suas comissões.

O Grupo Stellantis, por exemplo, dirigido pelo português Carlos Tavares, e que aglutina atualmente 14 marcas, como a Citröen, a Fiat, a Opel e a Peugeot, rescindiu já todos os contratos de concessão, estando os atuais distribuidores à espera das novas condições de revenda impostas pelo grupo. Questionadas algumas fontes do mercado referiram ainda não ter acesso aos novos acordos, outras afirmaram que estes já estariam a ser apresentados aos concessionários, embora ainda no segredo dos deuses.

Relativamente aos novos contratos de distribuição a serem apresentados por alguns dos maiores fabricantes mundiais, Rodrigo Ferreira da Silva, da ARAN, deixa um alerta: há grupos a proporem modelos de agenciamento ilícitos, ou seja, as marcas mantêm o controlo dos preços de revenda, mas o risco mantém-se do lado dos concessionários.

"Muitos desses contratos, em termos jurídicos, são falsos contratos de agência. O contrato genuíno é quando todo o risco do negócio é do fabricante. O que está a acontecer é o melhor dos dois mundos para o fabricante: controlam tudo, mas as concessões continuam a ter os encargos com as equipas, com as instalações, etc.", explica o responsável.

A CECRA, associação europeia das empresas de distribuição e reparação, emitiu um comunicado no qual, além de denunciar a situação a nível europeu, explica que, apesar de ser legítimo alterar as condições de distribuição – foi revisto no ano passado o regulamento da distribuição automóvel, o chamado *Block Exemption* –, os novos contratos desenhados têm de prever que o modelo de negócio dos concessionários se mantém economicamente viável.

Também Roberto Gaspar, secretário-geral da Associação Nacional das Empresas de Comércio e Reparação Automóvel (ANECRA), refere que os desafios na distribuição automóvel são, neste momento, mais do que muitos. Afirma que os contratos de agenciamento são legítimos, enquadrados no novo regulamento europeu para a distribuição automóvel, mas, pelo meio, "foram surgindo várias tonalidades de agenciamento".

"Há agenciamento puro e agenciamento onde se prevê que o agente passe a fatura ao cliente final, o que resolve alguns problemas da venda direta, como é o caso do financiamento automóvel."

dinheirovivo@dinheirovivo.pt

Indústria leva engraxadores a Milão em defesa do calçado de couro

ECONOMIA CIRCULAR 85% das exportações nacionais são de sapatos em pele, "a melhor matéria-prima disponível". Ações de promoção sobre a sustentabilidade arrancam na Micam.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Será em Milão, na Micam, a maior feira internacional do calçado, que a indústria portuguesa dará início à defesa do couro junto dos compradores e consumidores internacionais. O objetivo é "desmistificar ideias preconcebidas", contrapondo com os argumentos competitivos que "tornam o calçado em couro um produto de excelência". Mais, para a APICCAPS, liderada por Luís Onofre, a pele é "indiscutivelmente a melhor matéria-prima disponível no mercado", designadamente em termos de sustentabilidade e economia circular, e de durabilidade. Terá dois engraxadores para o recordar aos milhares de visitantes que passarão pela Micam de 18 a 21 de setembro.

O couro tem sido, por tradição, a matéria-prima mais usada pela indústria portuguesa, vocacionada, durante muitos anos, quase exclusivamente para o segmento de sapatos clássicos. Em 2010, o calçado de couro assegurava 91% das exportações nacionais, hoje, fica-se pelos 85%, já que o comportamento dos consumidores mudou e, nas últimas décadas, têm vindo a dar preferência ao calçado mais desportivo, muito do qual é produzido noutros materiais.

MARIA JOÃO GALA / GLOBAL IMAGENS

Portugal, pela sua especialização em calçado clássico, tem uma grande tradição no uso do couro.

Além disso, com a proliferação de vegetarianos e veganos, muitos são os consumidores que recusam a compra de artigos em pele. Para a associação do calçado, em muitos casos, a escolha é toldada por "ideias preconcebidas que não correspondem à verdade", pretendendo, por isso, centrar a sua comunicação internacional em ações de pedagogia para que o consumidor possa tomar decisões informadas.

"É importante que, no limite, ninguém pense que estamos a criar vacas para produzir sapatos, o setor aproveita os desperdícios da indústria alimentar, promovendo a economia circular", sublinha o diretor de comunicação da associação, Paulo Gonçalves.

Para avaliar a sustentabilidade do couro, a APICCAPS recorreu ao INSURE.hub, o projeto que junta a Católica Porto Business School e a Escola Superior de Biotecnologia à Planetiers New Generation, e que pretende criar um "ecossistema internacional vibrante de conhecimento transdisciplinar que promova soluções de negócio de âmbito circular, sustentável e regenerativo, potenciadas por tecnologias disruptivas". Os resultados deste trabalho vão ser divulgados, com ações no terreno, nomeadamente em certames profissionais, junto de potenciais clientes, mas igualmente com uma promoção orientada para os consumidores finais, com anúncios em revistas e vídeos nas redes sociais.

"Procurámos, durante o último ano, e envolvendo entidades suecas, estudar todas as métricas que nos permitam comparar os diferentes materiais usados na indústria do calçado, procurando perceber o impacto do couro comparativamente com outros produtos, e como o podemos tornar ainda melhor", explica Paulo Gonçalves, que aponta não só a questão da promoção da economia circular, mas também outros fatores determinantes para a sustentabilidade, como a durabilidade ou a dispensa de lavagem, e consequente uso de água, na sua manutenção.

"Ainda que os estudos internacionais sugiram que o período médio de vida de um par de sapatos é de um ano, os testes mostram que o calçado de couro tem uma durabilidade consideravelmente mais longa. Mais, são artigos que podem ser tratados e recuperados, fazendo com que o produto ganhe uma nova aparência. E isso agrega valor", diz a associação.

É verdade que o calçado de couro custa mais do dobro do produzido em materiais têxteis, mas, para a APICCAPS, a sustentabilidade está também em consumir menos. "Em 2021, foram produzidos 22 mil milhões de pares de sapatos no mundo, um número que, tirando o período de pandemia, tem crescido ano após ano. É demasiado. Portugal não tem intenção de produzir mais do que os 80 milhões de pares que faz atualmente, quer sim é fazer sapatos de melhor qualidade e que perdurem no tempo. São mais caros, é verdade, mas é preferível que compremos menos, mas de qualidade superior. Estaremos assim a defender o planeta e o meio ambiente", diz Paulo Gonçalves. Nesse sentido, a associação acredita que "os sapatos portugueses serão a escolha natural de um consumidor informado".

O que não significa que não haja caminho a fazer na melhoria das condições de preparação das peles. O projeto *BioShoes4All*, que será financiado pelo PRR, pretende, precisamente, desenvolver soluções sustentáveis para o *cluster* do calçado e da moda. São 70 os parceiros envolvidos, num investimento de 129,5 milhões de euros. O uso de colas de base aquosa, a redução ou eliminação do curtimento à base de crómio e a preferência de peles de gado criado em vastas pastagens são algumas das boas práticas a implementar, tal como os princípios da transparência e rastreabilidade.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

956,9

Milhões de euros foi o valor das exportações de calçado no primeiro semestre do ano, o maior de sempre. Os sapatos em couro pesam 85% (816 milhões) e os de materiais têxteis 4,6% (43,7 milhões).

30,45

Euros é o preço médio de exportação do calçado de couro, mais 29% do que em 2021. Os sapatos em materiais têxteis são exportados, em média, a 14,95 euros (+30%) e o plástico a 5,98€ (+15%).

Americanos e japoneses de volta ao *Modtíssimo*

É num ambiente de "grande euforia" comercial que arranca amanhã, na Exponor, em Matosinhos, a 60.ª edição do *Modtíssimo*. No total, o mais antigo salão têxtil da Península Ibérica e "o único em Portugal" dedicado à fileira do têxtil e vestuário, terá 240 expositores, responsáveis por mais de 350 coleções, com especial peso dos tecidos e acessórios para confeção, e que ocuparão 9500 metros quadrados, quase dois mil mais do que na edição de fevereiro. "Pela primeira vez, não tivemos capacidade de resposta para todos os interessados e ficou gente de fora à espera de eventuais desistências, que não aconteceram", diz o CEO da Associação Selectiva Moda.

Manuel Serrão assume ter "grandes expectativas" quanto ao bom desempenho comercial das empresas presentes. "Claro que não podemos esquecer todos os problemas com os custos energéticos e com o esmagamento das margens que as empresas enfrentam e para os quais a Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP) tem vindo a alertar, mas, em termos meramente comerciais, o sentimento é de grande euforia, com o salão a gerar um grande interesse", sublinha.

Inscritos estão já mais de 300 compradores internacionais, sendo os países mais representados a Áustria, que foi o país convidado em fevereiro, a Alemanha e Espanha. Manuel Serrão destaca ainda o regresso dos compradores e jornalistas americanos e japoneses, o que acontece pela primeira vez desde a pandemia. "As expectativas são de que vamos bater novamente o recorde de compradores estrangeiros", admite.

Os Países Baixos são o país convidado desta edição e haverá uma delegação de quase meia centena de empresas neerlandesas que estarão na feira, no âmbito de uma missão empresarial organizada em parceria com outras instituições.

ILÍDIA PINTO

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Opinião
Marta Feio

Betão, intemporal

Os primeiros sinais de materiais de construção produzidos artificialmente remontam há 12 mil anos, ao que se seguiu o uso de novos ligantes. A Antiguidade Clássica é particularmente feliz no que respeita à arquitetura. Com base no conhecimento dos gregos, os romanos desenvolveram materiais e refinaram métodos construtivos, desafiando possibilidades e deixando-nos obras extraordinárias que associaram beleza, utilidade e eternidade. Para além de infraestruturas como estradas e portos, essenciais à expansão, comunicação e comércio, e aquedutos para fornecimento de água, até anfiteatros, palácios e monumentos dedicados aos deuses, que caracterizaram uma cultura e civilização, o *opus caementitium*, vulgarmente conhecido como cimento romano, marcou presença nesta herança comum.

Séculos depois, atravessando as Idades Média e Moderna, o fulgor do Renascimento, a expansão marítima com a chegada a novos continentes, territórios e populações, as revoluções sociais e industriais da Contemporaneidade, até chegar aos desafios e oportunidades do presente – como alterações climáticas, digitalização da construção e inteligência artificial –, o cimento e o betão permanecem aliados inestimáveis no nosso quotidiano.

O betão – que não existiria sem cimento – é essencial à segurança, proteção, conforto e património, sendo insubstituível pela magnitude em que é usado e incontornável para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Responde às necessidades prementes da Humanidade, como a construção de esgotos e saneamento básico – que, a par de algumas descobertas da Medicina, são determinantes para a Saúde Pública – ou infraestruturas de captura e reserva de água. É elemento fundamental em barragens, fundações de torres eólicas e grandes obras públicas, para as quais não há, à data, outro material com a mesma resistência. Sem betão não haveria, tal como os conhecemos, hospitais, escolas, tribunais, cinemas, teatros e demais estruturas partilhadas que compõem uma sociedade moderna, numa articulação que se pretende cada vez mais harmoniosa com a biodiversidade e com a expansão de espaços verdes nas cidades.

O betão dá forma aos sonhos de génios – o imperador romano Adriano, Jørn Utzon, Frank Lloyd Wright, Ludwig Mies van der Rohe e Antoni Gaudí – e permite conceber obras de rara beleza, como o Panteão de Roma, a Ópera de Sydney, a Waterfall House e o Museu Guggenheim, o Pavilhão Nacional da Alemanha para a *Exposição Internacional de Barcelona* e a fabulosa Sagrada Família. Que teve, aliás, de esperar muitos anos até que uma solução complexa de engenharia em betão estrutural permitisse a conclusão da Torre da Virgem, dando então vida à visão de Gaudí. A ponte Vasco da Gama, o Pavilhão de Portugal na *Expo*, a Casa da Música são exemplos mais recentes com os quais convivemos.

Cabe aos fabricantes, projetistas, engenheiros e arquitetos elevar o betão a novos patamares, inovando e dando forma e perenidade às grandes realizações da Humanidade. O betão responde a desafios civilizacionais e só com a sua utilização responsável teremos um futuro saudável e digno. O crescimento da população comporta dificuldades na gestão de recursos e satisfação de necessidades elementares, em contexto de crescente urbanização. Apenas o betão apresenta soluções exequíveis, independentemente de conceções teórico-filosóficas passadistas e que visam diabolizar um material que, na sua essência, é virtuoso há milhares de anos.

Desenvolvimento e sustentabilidade

Por ser um recurso acessível, pouco dispendioso, feito a partir de matérias-primas naturais extremamente abundantes e integralmente aproveitáveis, fácil de produzir localmente e manusear, o betão – do qual o cimento é constituinte essencial – é o produto mais consumido no mundo a seguir à água. Teve larga aplicação em todo o mundo nos últimos 100 anos, o que prova grande robustez e durabilidade.

Os edifícios e infraestruturas em betão apresentam resistência sísmica e ao fogo, daí a sua utilização em obras com impacto significativo na qualidade de vida, como barragens, pontes, viadutos, túneis, bases de pavimentos e infraestruturas ferroviárias, estas com influência no transporte coletivo e na mobilidade sustentável.

Nos edifícios e nos equipamentos públicos, a inércia térmica do betão contribui para reduzir a necessidade de climatização artificial. A capacidade do betão de absorver a energia solar recebida, de a armazenar – evitando o sobreaquecimento – e libertar progressivamente sob a forma de calor durante a noite, ajuda a manter as temperaturas interiores constantes. Tal impacta a eficiência do edifício, a fatura energética, o conforto térmico e mitiga a pobreza energética de agregados familiares vulneráveis, cumprindo um importante papel social, reforçado por reduzidos custos de manutenção.

FUNDACIÓ JUNTA CONSTRUCTORA DEL TEMPLE EXPIATORI DE LA SAGRADA FAMÍLIA

O cimento e o betão têm vindo e continuarão a reinventar-se. A missão é complexa, os investimentos avultados, a I&D de tecnologias de ponta acelerará para uma sociedade neutra em carbono em 2050."

Acresce que a indústria do cimento e do betão promove a mudança de hábitos e culturas, implementa regras e boas práticas de saúde e segurança e investe em formação, capacitação e qualificação.

É evidente o compromisso do cimento e do betão com estética, economia circular, eficiência energética, neutralidade carbónica e sustentabilidade. Os desafios ao nível nacional, da UE e mundiais, têm vindo a ser encarados como oportunidade de transformação e inovação. O setor responde aos desafios sociais, económicos, tecnológicos e ambientais do presente e antecipa a construção ecológica do futuro.

Como qualquer outro material, como nós próprios, o cimento e o betão têm vindo e continuarão a reinventar-se. A missão é complexa, os investimentos avultados, a I&D de tecnologias de ponta acelerará, o que só reforça a nossa visão, compromisso e responsabilidade para com uma sociedade neutra em carbono em 2050.

Secretária-Geral Executiva da ATIC – Associação Técnica da Indústria de Cimento

O borracheiro. Uma profissão que o desenvolvimento apagou

MADEIRA Transportar o vinho às costas, num recipiente feito de pele de cabra, foi durante muito tempo a única forma de o fazer chegar aos clientes. A Associação Grupo Cultural Flores de Maio mantém viva a memória deste ofício.

"O espanto dos turistas é sempre grande quando veem isto", garante Basílio Nóbrega.

HOMEM DE GOUVEIA / LUSA

Basílio Nóbrega tinha apenas 13 anos quando começou a trabalhar como borracheiro, designação atribuída na Madeira a quem transportava vinho às costas num recipiente feito de pele de cabra, uma profissão que já se extinguiu. "Tenho agora 71 anos e a última viagem que fiz foi há uns 20", disse à Agência Lusa e logo sintetizou o seu percurso profissional: "Quando comecei, com 13 anos, carregava um borracho de 22 litros e meio. A seguir, dos 14 por diante, comecei a transportar um de 45 litros, mas também carreguei borrachos de 67 litros e meio".

Borracho é o nome do recipiente utilizado para o transporte do vinho, feito a partir de uma pele de cabra ou de cabrito inteira do pescoço às patas, que depois era "limpa e barbeada", virada do avesso e posta a secar ao sol durante um mês.

Basílio Nóbrega coloca um exemplar no colo, percorre a superfície ressequida com a mão áspera, calejada do trabalho no campo, e explica: "A parte de fora da pele da cabra é a que fica por dentro no borracho". A peia, uma corda de lã de ovelha, era amarrada nas extremidades e assentava na testa do borracheiro durante a viagem, garantindo o equilíbrio do borracho em cima dos ombros, ao mesmo tempo que um bordão era utilizado para auxiliar na caminhada.

"Os antigos, os que faziam viagens até Machico, Caniçal, Camacha ou até ao Funchal, levavam também um saquinho de pano à cintura com um bocado de pão, uma merenda para matar a fome", contou, explicando que, da sua parte, o trabalho foi sempre feito nos arredores da Freguesia do Porto da Cruz, de onde é natural.

A localidade pertence ao Concelho de Machico, mas situa-se já na costa norte da Ilha da Madeira, e foi lá que nasceu a profissão de borracheiro, num tempo em que a vinha americana dominava a paisagem, depois de ter sido introduzida na região na sequência da destruição das castas tradicionais pela filoxera, no século XIX.

"Eram duas semanas, pelo menos, a transportar vinho para um só senhorio, uns seis ou sete homens todos os dias", explicou Basílio Nóbrega, sublinhando que, nos meses de agosto e setembro, havia sempre trabalho e homens disponíveis para "ganhar o seu tostãozinho".

A atividade era tão intensa que, por vezes, ele inutilizava três borrachos num ano, devido a roturas provocadas por cortes de lâmina durante o processo de raspagem da pele, mas também é certo que naquela altura "havia muito gado" e os criadores tinham sempre o cuidado de "tirar o borracho" a cada rês abatida. "Quando eu comecei, já só trabalhávamos de dia, mas antes, quando transportavam o vinho para outras freguesias, para o Funchal, para Machico, para Caniçal, arrumavam dez ou 15 borracheiros e saíam ainda de noite para fazer esse percurso", contou.

As viagens eram longas, duras e cansativas, os caminhos íngremes e difíceis, e a fila de borracheiros organizava-se de modo a manter o grupo coeso: à frente seguia o *candeeiro*, homem robusto que marcava o ritmo da caminhada e, de vez em quando, cantava para estimular e fazer esquecer o cansaço, e em último lugar ia o *boieiro*, pessoa igualmente forte que cuidava de não deixar ninguém para trás.

"Às vezes, o patrão acompanhava a viagem", contou Basílio Nóbrega, explicando ser uma forma eficaz de garantir que o vinho chegava todo ao destino final, pois podia haver a tentação de alguém querer matar a sede pelo caminho com recurso ao conteúdo do borracho.

A profissão extinguiu-se com o desenvolvimento da rede viária na Região Autónoma da Madeira e com a redução progressiva do cultivo de vinha no Porto da Cruz, mas a Associação Grupo Cultural Flores de Maio, criada em 1986 e com sede na freguesia, mantém viva a memória através do Grupo de Borracheiros, do qual Basílio Nóbrega faz parte, atuando em diversos eventos turístico-culturais no arquipélago, como a *Festa do Vinho Madeir*a, que decorre até 11 de setembro, e também em feiras nacionais e internacionais.

A Associação Flores de Maio candidatou o borracho à edição de 2020 de as *7 Maravilhas da Cultura Popular*, na categoria de Artefactos, mas o utensílio não chegou à final.

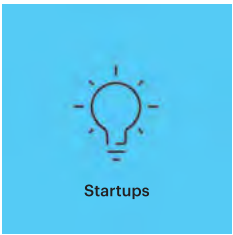
"O espanto dos turistas é sempre grande quando veem isto", disse Basílio Nóbrega, enquanto colocava o borracho às costas, em jeito de demonstração, e reforçou: "Mas também há muitos madeirenses que perguntam o que é isto". Depois, em suspiro, rematou: "Isto é que foi uma vida... uma vida dura... hoje em dia é tudo mais fácil...".

DN/LUSA

Coimbra. PS contra taxa turística

A Concelhia do PS de Coimbra criticou ontem a intenção do presidente da Câmara local de criar de uma Taxa Municipal de Turismo. Em comunicado, a Concelhia e os vereadores socialistas no Executivo "rejeitam a pretensão" do presidente do município, José Manuel Silva, "num momento em que o setor turístico está a lutar para recuperar de uma longa pandemia e num contexto de guerra na Europa, cujos efeitos a médio e longo prazo todos desconhecemos na íntegra".

O PS sublinha que não tem qualquer objeção de fundo relativamente às Taxas Municipais de Turismo, mas entende que "a procura turística em Coimbra não atingiu ainda números ou situações pós-pandemia que justifiquem esta decisão". Acrescenta que os dados do Instituto Nacional de Estatística indicam que, em alguns meses de 2022, a procura tem atingido, a nível nacional, valores próximos dos registados antes da pandemia, mas não se verifica ainda uma tendência estável. Alegam ainda que o momento atual "deve ser de apoio às empresas e às atividades económicas e não o de criação de taxas que podem pôr em perigo a atratividade e a competitividade de Coimbra no mercado regional e nacional".

A Câmara de Coimbra vai analisar hoje uma proposta para avançar já em 2023, com uma Taxa Turística Municipal. "O objetivo é amenizar o impacto social e ambiental deixado por quem visita a cidade", justificou a autarquia, que assume o objetivo de taxar as dormidas no concelho já em 2023. Na sexta-feira, a autarquia liderada por José Manuel Silva (eleito pela coligação Juntos Somos Coimbra, encabeçada pelo PSD) explicou que a taxa visa "assegurar que tal objetivo seja prosseguido sem comprometer a competitividade do concelho no contexto da região, do país e mesmo a nível internacional". **DN/LUSA**

Como matar a fome num país rico por natureza?

ECONOMIA Inflação, desemprego e sustentabilidade são testes à economia. Mas todos os problemas ficam para trás, quando há 33 milhões de famintos no maior produtor de alimentos do mundo.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, EM SÃO PAULO

DOUGLAS MAGNO / AFP

O Brasil tem hoje, por exemplo, o maior rebanho bovino do mundo, mas 33 milhões de pessoas continuam a passar fome por não terem rendimentos para comprar bens alimentares.

O Brasil continua no topo dos países com inflação mais alta entre as maiores economias mundiais. Apesar da queda da taxa de desemprego para um dígito, 9,3%, mais de 40% dos trabalhadores no país estão na informalidade (sem vínculo formal com a entidade patronal). Desde 2019, as taxas de devastação da Amazónia superam os 10 mil km², um recorde negativo. Mas todos estes números, por mais preocupantes que sejam, perdem importância perante os 33 milhões de famintos, mais 20 milhões do que em 2020, e os mais de 100 milhões em insegurança alimentar. Como é possível no maior produtor de alimentos do mundo?

"Como o maior exportador de soja do mundo, o maior rebanho de gado bovino do mundo, já superando Austrália e Estados Unidos, o país que produz 12 milhões de toneladas de trigo por ano e é um dos maiores exportadores de milho tem cerca de 30 milhões de pessoas com fome e 108 milhões, metade da população, a viver abaixo dos 413 reais por mês [80 euros] é, realmente, difícil de explicar", reconhece ao *DN* Leonardo Trevisan, professor de Economia da Escola Superior de Propaganda e *Marketing*.

"Uma das explicações é que há um problema grave de acesso ao emprego – segundo dados, recentes, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o desemprego caiu para um dígito, 9,3%, mas essa queda não atingiu os mais pobres e os 5% mais pobres foram os mais afetados com a pandemia", continua.

Esse recuo para 9,3% em junho, no entanto, não leva em conta o número recorde de informais, aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Além dos 10,1 milhão de brasileiros ainda em busca de trabalho, o número de trabalhadores informais foi o maior de sempre, estimado em 39,3 milhões, 1,1 milhão de pessoas a mais que no trimestre anterior, levando a taxa de informalidade a 40%.

"Por outro lado, o Brasil tem um problema grave de distribuição de rendimentos e de desigualdade: 1% da população detém 40% do rendimento nacional, se aumentarmos a medida para 10% da população, essa faixa detém mais de 65% do rendimento nacional; esse é um dos maiores problemas, conectado à ausência de emprego, ambos inibidores do progresso e da resolução da pobreza", assinala o professor de Economia.

O Brasil permanece um dos países com maior desigualdade social do mundo, segundo o estudo lançado pelo World Inequality Lab, que integra a Escola de Economia de Paris e é codirigido pelo economista francês Thomas Piketty, de finais de 2021.

"Entre os mais de 100 países analisados no relatório, o Brasil é um dos mais desiguais. Após a África do Sul, é o segundo com maiores desigualdades entre os membros do G20", reforçou Lucas Chancel, autor do relatório e codiretor do Laboratório das Desigualdades Mundiais.

O equilíbrio entre os interesses da agropecuária no país, setor tradicionalmente mais próximo de Jair Bolsonaro, candidato à reeleição no sufrágio de 2 de outubro, e a sustentabilidade, assunto mais caro a Lula da Silva, o mais forte adversário do atual presidente, de acordo com as sondagens, é um fator economicamente importante.

Segundo Trevisan, "há dois agronegócios no Brasil, aquele pouco sensível, digamos, à sustentabilidade e outro, admitamo-lo, já muito sensível a ela". "Qual deles o maior? Se, como nos últimos anos, houver um défice de fiscalização e de regulação, o primeiro tenderá a ser maior, logo, é necessário o Estado fiscalizar e regular", defende.

"E os países europeus e, também, alguns asiáticos estão corretíssimos ao condicionar negócios com o agronegócio brasileiro com práticas sustentáveis, é outra forma de regulação", conclui o académico.

> "O Brasil tem um problema grave de distribuição de rendimentos e de desigualdade: 1% da população detém 40% do rendimento nacional", recorda Leonardo Trevisan, professor de Economia.

Lula, em recente entrevista à imprensa internacional, citou o problema. "[Em caso de vitória da sua candidatura] vocês vão ver o Brasil a cuidar do clima como nunca cuidou", prometeu. "O Brasil precisa ser levado em conta na discussão do problema do clima no planeta pela sua dimensão e potencial extraordinários. Precisamos tomar uma atitude, se não o desmatamento continua."

"Da mesma forma que não podemos permitir que no planeta 900 milhões passem fome, não podemos permitir que alguns irresponsáveis desmatem. Não é apenas lei, será profissão de fé do meu governo acabar com o garimpo ilegal", prometeu. "A manutenção de uma árvore em pé talvez

MAURO PIMENTEL / AFP

valha mais do que qualquer outro bem. O Brasil é soberano em relação à Amazónia, isso que fique claro, mas não pode ser ignorante em relação à ciência. Temos de cuidar da fiscalização e ainda vamos criar o ministério dos povos originários", concluiu.

Para Bolsonaro as questões ambientais "servem para atrapalhar". "O que tem de gente para atrapalhar, é incrível, em relação às questões ambientais. Alguns preferem morrer de fome a derrubar uma árvore. É uma opção deles, mas não pode ser para o resto do nosso país", apontou, durante a cerimónia de abertura do Global Agribusiness Forum 2022, em São Paulo.

Sobre o flagelo da fome, Bolsonaro acredita que é o Brasil que determina se o mundo passa ou não necessidade alimentar. "Exatamente por sermos importantes, por sermos aqueles que poderão dizer se o mundo vai passar fome ou não, tem gente de fora interessada no nosso país. Quem não pensa dessa maneira, no meu entender, está devendo muito. Temos de nos preocupar com a nossa pátria, com os nossos bens, com aquilo que ninguém mais tem lá fora."

Para Lula, o combate à fome no país, tem de ser obra coletiva, como nos seus mandatos no Palácio do Planalto, de 2003 a 2010. "As palavras-chave são 'inclusão social', porque temos 33 milhões de pessoas a passar fome. Sei o tamanho do desafio e faço ginásio toda a manhã para me preparar para ele."

Além da fome, ou em paralelo a ela, porque segundo os especialistas os problemas convergem, a inflação é um trauma antigo. O Brasil permanece no topo do *ranking* dos países com maiores taxas entre as principais economias mundiais, mesmo após ter registado deflação histórica em julho. Apesar dessa queda, o Brasil ainda tem uma inflação acumulada em 12 meses de 10,07% e é a quarta maior taxa do G20, segundo levantamento da Quantzed.

"No Brasil, há aquela inflação comum a quase todos os países que deriva do choque de preços, por exemplo, do petróleo, a que EUA, China e Europa também são sensíveis", refere Trevisan. "E há aquela que deriva do défice fiscal descontrolado, que obriga a emitir mais [moeda] e quando se emite mais a inflação cresce. Isso depende dos governos e, sem conseguir prevê-la a longo prazo, prevejo-a muito alta em 2023. Nos próximos 200 anos? Não faço ideia..."

O DN está a publicar desde 1 de setembro um conjunto de reportagens sobre os 200 Anos da independência do Brasil, que se celebram no próximo dia 7.

Tereza Campello
"Combate depende de vontade política"

A fome voltou a ser o principal problema do Brasil?
Sim, é um problema no Brasil do século XVII ao XX, mas não devia ser no século XXI, até porque tinha sido superado. Mas, lembrando o cientista Josué de Castro, a "fome é uma manifestação", uma manifestação de um modelo de desenvolvimento excludente e de um sistema de produção predatório. O Brasil de Bolsonaro não gera só fome, ele bateu quatro grandes recordes: recorde de fome, recorde de produção de grãos, recorde de desmatamento e recorde de obesidade. Eis o paradoxo: um dos maiores produtores de alimento do mundo, convive com 33 milhões de pessoas com fome e com 65 milhões, uma Inglaterra, que não consegue comer três refeições por dia.

Como se combate a fome, há uma receita global ou muda de país para país?
Fora a fome por motivos de desastres naturais ou de guerra, há problemas que podem ser enfrentados de forma comum: primeiro, é necessário decisão política e o Brasil é exemplo – quando Lula, em 2003, mobilizou o país ao anunciar o combate à fome como prioridade; segundo, ter consciência de que o problema não é de produção, é de falta de rendimento das famílias para comprar os alimentos; terceiro, políticas públicas para proteção social, como alimentação escolar e fortalecimento da agricultura camponesa.

A chamada Economia Verde tem de ser prioritária no Brasil?
O Brasil tem toda a condição de liderar não só a redução de emissões de CO_2 e de queimadas, mas também a transição ecológica: para tal, é necessário, primeiro, produzir sem desmatar, o que já é possível com os conhecimentos científicos que temos, depois, transitar para a agroecologia, sem pesticidas que prejudiquem as saúdes planetária e humana, e, finalmente, a transição energética, sendo o país líder em energias renováveis.

Lula resume a sua política económica a "colocar o pobre no orçamento". Concorda?
Mas ele completa: "É preciso colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto de renda". Ou seja, fazer com que as políticas públicas cheguem a quem precisa e que a carga tributária deixe de ser centrada no consumo, o que prejudica os mais pobres, e chegue às fortunas que não pagam imposto sobre lucro. Outra frase que eu gosto do Lula é: "O pobre não é problema, é solução", porque o Brasil tem um mercado doméstico de 215 milhões e boa parcela da população não consegue participar desse mercado – se comprasse roupa, fogão, frigorífico, dinamizaria a indústria.

TEREZA CAMPELLO
Ministra do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome nos governos do PT

Têm razão os liberais brasileiros quando dizem que o Brasil já tem demasiado Estado?
Já ninguém defende no mundo o modelo do Estado mínimo a não ser os economistas do Brasil que o apresentam diariamente, em verso e prosa, na imprensa, mesmo depois de toda a aprendizagem da pandemia, em que os países que voltaram mais rapidamente à normalidade foram aqueles cujo Estado estava mais preparado.

Como sonha o Brasil de daqui a 200 anos?
Primeiro, voltando a Josué de Castro, o meu sonho seria uma geografia livre da fome. E que o Brasil se tornasse não o maior produtor de alimentos no mundo, mas o maior produtor de alimentos saudáveis no mundo. E sonho com um país cujos representantes fossem a cara do nosso povo, com mulheres, negros e jovens e não só homens, brancos e velhos.

SUSANNAH IRELAND / AFP

Liz Truss tem como modelo de governação Margaret Thatcher.

Conservadores revelam quem sucede a Boris

REINO UNIDO Sondagens dão como certa a vitória da chefe da diplomacia Liz Truss sobre o ex-ministro das Finanças Rishi Sunak.

O resultado da longa campanha de verão da ministra dos Negócios Estrangeiros contra o antigo ministro das Finanças Rishi Sunak é anunciado hoje, antes de o primeiro-ministro Boris Johnson apresentar formalmente a sua demissão à rainha Isabel II amanhã no Castelo de Balmoral, na Escócia.

A votação por correio e *online* pelos cerca de 200 mil membros do Partido Conservador começou no início de agosto, um mês depois de Johnson ter anunciado a demissão, e terminou na sexta-feira. Nas sondagens aos militantes, Truss goza de um apoio esmagador sobre Sunak. Mas o vencedor terá uma curta lua-de-mel política quando entrar no Número 10 de Downing Street, depois de se encontrar com a rainha nas Terras Altas escocesas, numa cerimónia que quebra da tradição: a tomada de posse dos chefes de governo costuma decorrer no Palácio de Buckingham ou no Castelo de Windsor.

O Reino Unido está no auge da sua pior crise de custo de vida em gerações, com a inflação a subir dois dígitos, com os preços da energia a disparar, devido à guerra na Ucrânia. Milhões dizem que, com as contas a aumentar 80% a partir de outubro – e ainda mais em janeiro –, enfrentam uma escolha dolorosa entre a alimentação e o aquecimento neste inverno, revelam inquéritos.

Truss prometeu cortes nos impostos, mas estes nada fariam para beneficiar os mais pobres. Durante semanas, aquela que está na linha da frente dos conservadores tem descartado ajudas diretas, e foi mais longe na quarta-feira prometendo não cobrar mais impostos – promessa que cedo quebrou.

Ao escrever na edição de quinta-feira passada do tabloide *The Sun*, Truss prometeu "prestar apoio imediato para garantir que as pessoas não enfrentem faturas de energia incomportáveis" este inverno. "Acredito firmemente que, nestes tempos conturbados, precisamos de ser radicais", acrescentou, dando uma antevisão da sua agenda *thatcheriana* de reformas para cimentar o legado do *Brexit*.

> O sucessor de Boris Johnson, escolhido entre os 200 mil militantes do Partido Conservador, vai amanhã à Escócia para ser empossado.

Os deputados *tories* revoltaram-se contra o seu herói do *Brexit* após meses de escândalos, e favoreceram Sunak em detrimento de Truss co-mo o líder mais qualificado para os levar até às próximas eleições gerais, previstas para janeiro de 2025. Porém, as fileiras do partido juntaram-se à plataforma de direita de Truss, mesmo sendo ela uma ex-liberal-democrata que se opôs a deixar a União Europeia no referendo de 2016.

"Ela é uma melhor política", disse John Curtice, professor de Política na Universidade de Strathclyde, à AFP, depois de Truss se ter agarrado a um simples guião ao longo da campanha. "Sunak demonstrou algumas das qualidades que se pode esperar ver num bom ministro. Mas Truss demonstrou as qualidades de que necessita um político", acrescentou Curtice.

Quem quer que ganhe, as recentes sondagens do eleitorado em geral mostram que os conservadores enfrentam um desafio crescente para manter o poder, nas suas mãos há 12 anos. Além da crise do custo de vida, o Partido Trabalhista lucrou com o ataque ao "governo *zombie*" de John-son. O principal partido da oposição ostenta agora uma vantagem de dois dígitos sobre os conservadores nas sondagens, enquanto o panorama económico se torna o mais sombrio desde que Margaret Thatcher chegou ao poder, em 1979. **DN/AFP**

65 mil milhões. Alemanha reforça apoio às famílias

GUERRA NA UCRÂNIA Olaf Scholz anunciou terceiro pacote de medidas e prometeu que alemães "nunca ficarão sozinhos" nesta crise energética.

O governo alemão apresentou um novo pacote de ajuda às famílias e empresas, perante o aumento do custo de vida e da energia, no valor global de 65 mil milhões de euros.

Entre as medidas que integram este novo pacote está a atribuição, de uma única vez, de um cheque-energia cujo valor será de 300 euros para os reformados e de 200 euros para os estudantes.

O plano contempla ainda um "travão" no preço da energia consumida pelas famílias com o objetivo de garantir o acesso a uma quantidade básica de energia a uma tarifa mais baixa.

O governo anunciou ainda que irá desenvolver um sucessor do bilhete de nove euros -- medida anunciada no início de junho, para vigorar por três meses, e que permite viagens ilimitadas nos transportes públicos locais e regionais. O valor do novo bilhete global para os transportes públicos não foi revelado, mas o acordo divulgado pelo governo de coligação sugere 49 ou 69 euros.

Entre as medidas previstas está ainda o reforço de subsídios para famílias com dependentes atualmente de 219 euros, que aumentará em 18 euros para o primeiro e segundo filhos, a partir de 01 de janeiro de 2023, e por um período de dois anos.

Além disso, prevê-se uma reforma dos apoios à habitação que alargará o universo de abrangidos dos atuais 700 mil para cerca de 2 milhões de pessoas.

Sublinhando que "a Alemanha está unida neste momento difícil, Olaf Scholz disse estar "muito ciente" da luta das famílias e empresas para fazer face à subida dos custos com a energia, repetindo que os alemães não ficarão "nunca sozinhos" perante esta crise energética.

DN/Lusa

EPA / HANNIBAL HANSCHKE

Ucrânia quer Berlim a liderar apoio da União Europeia à reconstrução

O primeiro-ministro ucraniano, Denys Schmyhal, agradeceu ontem a ajuda prestada pela Alemanha ao seu país, mas exortou Berlim a assumir uma maior liderança na União Europeia (UE) para a reconstrução da Ucrânia, numa altura em que Kiev estima receber na próxima semana um novo lote de cinco mil milhões de euros de ajuda financeira e militar prometida pela UE. De visita à capital alemã, o primeiro-ministro ucraniano encontrou-se também com o presidente alemão Frank-Walter Steinmeier, numa diligência que serviu para encerrar as divergências bilaterais, depois de o próprio Steinmeier desistir de viajar para a capital ucraniana, em abril passado, quando lhe foi dito que era presença indesejada.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Estrato. O maior e mais pesado órgão do corpo. 2. Agravar com tributos. Juntar. 3. Produzir som. Parar. 4. Envolver em rede. Nome feminino. 5. Rádio (símbolo químico). Preposição designativa de substituição. Dar crédito. 6. Gracejar. Voz do gato. 7. Execução de encomendas. Um certo. Cálcio (símbolo químico). 8. Anotação musical para indicar repetição. Designativo do dedo mais curto e grosso da mão. 9. Vento brando. Unidade monetária do Japão. 10. Entidade fantástica dotada de poder sobrenatural. Económica. 11. Verbal. Cortar as beiras de.

Verticais:
1. Costurar. Agasalho. 2. Planta do tipo da família das anonáceas. Pôr uma coisa no sentido oposto. 3. Dividir ao meio. Gargalhada. 4. Calafrio. Galicismo (abreviatura). 5. "De" + "a". Sofrimento. Parlamento Europeu. 6. Aguentar. Remendo na biqueira ou nas costuras do calçado. 7. Érbio (símbolo químico). Erradamente. Armada Portuguesa (sigla). 8. Vurmo. Série de coisas, pessoas ou animais dispostos em linha. 9. Tentativa. Formar-se geada. 10. Trepadeira lenhosa muito comprida. Entoa. 11. Enganar-se. Limpar com areia, cinza, etc.

SUDOKU

	6	1		5	8			
8				3				9
5	3	9	4	2		8		
	2						8	
		7	2		5	9		
	5			6		3		
		4	8		2		5	3
				7	4		1	8
2		5	6		3	7		

SOLUÇÕES

7	6	1	9	5	8	4	3	2
8	4	2	7	3	1	5	6	9
5	3	9	4	2	6	8	7	1
9	2	6	3	4	7	1	8	5
3	1	7	2	8	5	9	4	6
4	5	8	1	6	9	3	2	7
1	7	4	8	9	2	6	5	3
6	9	3	5	7	4	2	1	8
2	8	5	6	1	3	7	9	4

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Camada. Pele. 2. Onerar. Unir. 3. Soar. Cessar. 4. Enredar. Ana. 5. Ra. Por. Fiar. 6. Rir. Mio. 7. Avio. Tal. Ca. 8. Bis. Polegar. 9. Aragem. Iene. 10. Fada. Barata. 11. Oral. Aparar.

Verticais:
1. Coser. Abafo. 2. Anona. Virar. 3. Mear. Risada. 4. Arrepio. Gal. 5. Da. Dor. PE. 6. Arcar. Tomba. 7. Er. Mal. AP. 8. Pus. Fileira. 9. Ensaio. Gear. 10. Liana. Canta. 11. Errar. Arear.

FINA

Aos 17 anos, o nadador português fez soar *A Portuguesa* por três vezes nos Campeonatos do Mundo Júnior.

O fenómeno Diogo Ribeiro. "Nunca se viu nada assim na natação nacional"

CAMPEÃO Diretor desportivo da federação explica ao *DN* a estratégia seguida para chegar aos três títulos e Recorde Mundial. E "é inegável" que agora se vai pensar em medalhas em Paris 2024.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O Recorde do Mundo dos 50m Mariposa foi a "cereja no topo do bolo" para Diogo Ribeiro, que terminou a participação nos Campeonatos do Mundo Júnior de Natação, em Lima (Peru), com três Medalhas de Ouro (50m mariposa, 100m mariposa e os 50m livres). "Sendo muito objetivo e não olhando só para as medalhas, nunca se viu nada assim na natação nacional. Já tivemos, e temos, nadadores extremamente talentosos, mas nada comparado com este fenómeno", admitiu José Machado, diretor desportivo da Federação Portuguesa de Natação (FPN) ao *DN*.

Lembrando que esta "é uma situação completamente nova", o também selecionador nacional explicou que todos os que trabalharam com o nadador de 17 anos "foram percebendo que estava ali um potencial fora do normal".

E o que tem ele fora do normal? "A capacidade de se focar num objetivo. Por exemplo, depois do Bronze Europeu, em vez de ir celebrar com os outros nadadores que terminavam a época, entrou em modo treino. Mostrou uma maturidade incrível. Foi sozinho para o Peru, muito antes das provas, com o fisioterapeuta e o treinador e preparou-se o melhor possível. Foi ele quem se convenceu que era possível fazer três Ouros e um Recorde Mundial e depois convenceu-nos a nós."

Se muitos viram o potencial, poucos esperavam tanto em tão curto espaço de tempo: "Ele teve um problema grave [acidente de moto, em julho de 2021, que lhe colocou a carreira em risco] e começou a época em novembro do ano passado e depois de uma paragem de quatro meses, quando o normal seria ter começado em setembro do ano passado, e desde o início se percebeu que estava numa fase evolutiva fora de série."

> Diogo Ribeiro e a restante comitiva portuguesa presente nos Mundiais de Lima (Peru) chegam a Lisboa na terça-feira, às 06.00. O nadador de 17 anos traz com ele três Medalhas de Ouro depois de uma exibição espetacular e sem precedentes na natação portuguesa.

Estratégia e crença

A partir do momento em que ele se mudou de Coimbra para o Centro de Alto-Rendimento do Jamor foi traçado um plano competitivo para o jovem do Benfica, que não foi consensual, mas, segundo José Machado, Diogo acreditou na estratégia do treinador: "Foi-lhe dito que tinha um potencial enorme na natação que mais ninguém tinha conseguido. Teve de fazer escolhas que não são fáceis em nome de uma aposta sem garantias."

A preparação já visava que ele atingisse a forma máxima nestes Campeonatos do Mundo Júnior. Nos Nacionais de março bateu Recordes Nacionais por dez vezes, mas melhorou exibicionalmente nos Campeonatos da Dinamarca que foram 15 dias depois. Por isso o treinador [*Albertinho*] e ele sabiam que competindo nos Campeonatos da Europa, Diogo estaria melhor 15 dias depois nos Mundiais.

A preparação seguiu esta lógica e revelou-se acertada. Assim como a estratégia de abdicar da meia-final dos 100m Livres. O nadador "participou na decisão". Ele sabia que em condições normais essa prova podia dar para medalha, mas o Ouro seria muito difícil, tendo em conta que o primeiro lugar estaria à partida entregue a Popovic – recordista mundial absoluto, apesar de Diogo até ter feito melhor tempo que o romeno na qualificação para as meias-finais. Diogo optou pelos 50m Mariposa, até porque era a última oportunidade de bater o Recorde do Mundo, uma vez que vai deixar de ser júnior.

A não-ida aos Europeus Júnior foi algo polémica e o diretor desportivo teve de explicar a algumas pessoas aquilo que agora é "mais fácil" justificar: "Temos de ter humildade para reconhecer e perceber que não estamos habituados a este nível. A única pessoa que tem experiência é o treinador [Alberto Silva], que já teve oportunidade de trabalhar com medalhados Olímpicos [Cielo e Thiago Pereira]. Todos os outros podem opinar, mas..."

Bronze absoluto e Paris 2024

Nascido a 27 de Outubro de 2004, Diogo era bebé quando teve o primeiro contacto com uma piscina à boleia da irmã mais velha.

Tinha 4 anos quando perdeu o pai – em memória dele tatuou uma estrela no ombro direito, o que deslocou no grave acidente de julho de 2021 – e a mãe decidiu colocá-lo na natação. Aos 8 começou por participar no Circuito Regional de Cadetes, em Coimbra, em representação da Fundação Beatriz Santos-Clube. Ao fim de quatro anos transferiu-se para o Clube Náutico Académico e já em 2021 juntou-se à família benfiquista.

Aos 17 anos integra o projeto Olímpico Paris 2024 e "é inegável" que, a partir de agora, se vai pensar em medalhas. "A natação apontou uma final como objetivo Olímpico e, quando o fez, o cenário não era tão animador como agora, nem sonhávamos sequer com estes resultados. Até há um ano nem tínhamos garantias de conseguir uma classificação nos 16 primeiros (meias-finais), depois de no Rio 2016 conseguirmos duas meias-finais e, em Tóquio 2020, só uma. Agora é diferente e não é só o Diogo. Nos Europeus tivemos 9 finais e sete nos oito melhores e isso é um passo importante. Estar nos oito primeiros para lutar por medalha é o objetivo", explicou José Machado.

A Medalha de Bronze nos 50m Mariposa nos Europeus Absolutos de Roma (em agosto) foi de alguma forma desvalorizada pela trilogia do Ouro Mundial, mas "não devia", segundo o diretor desportivo da FPN: "Os ouros e o recorde podem ser mais vistosos, mas o bronze europeu é que o coloca na história da natação e do desporto português."

isaura.almeida@dn.pt

“Viemos mais cedo para nos adaptarmo aos horários e clima de prova. Nos primeiros dias não me senti bem, mas depois comecei a acreditar e a desligar de tudo.”

Diogo Ribeiro
Nadador

“Parabéns Diogo Ribeiro! Três Medalhas de Ouro e um Recorde Mundial nos Juniores de Natação, que decorrem em Lima. Um orgulho para o desporto nacional.”

António Costa
Primeiro-Ministro

“Muitos parabéns a Diogo Ribeiro, triplo Campeão Mundial de Natação em juniores. Os êxitos internacionais do desporto português são motivo de orgulho para todos nós.”

Augusto Santos Silva
Presidente da Assembleia da República

“Nunca é cedo demais para deixar uma indelével marca na História. O que Diogo Ribeiro alcançou nos Mundiais de Juniores de Natação aos 17 anos deixa o Benfica profundamente orgulhoso e um país inteiro a sonhar com feitos ainda mais distintos no futuro.”

Rui Costa
Presidente do Benfica

EPA / PETER POWELL

United bate Arsenal. CR7 de novo suplente

O Manchester United venceu ontem o clássico com o Arsenal, por 3-1, aproximando-se dos lugares da frente da Liga inglesa de futebol. Cristiano Ronaldo voltou a começar o jogo no banco, entrando em campo apenas aos 58 para o lugar de Antony (o brasileiro estreou-se pelos *red devils* e fez um golo). Rashford bisou e foi a figura do jogo.

EPA / KOEN VAN WEEL

F1. Vitória caseira para Verstappen

O neerlandês Max Verstappen (Red Bull) venceu ontem o GP dos Países Baixos de Fórmula 1. George Russell (Mercedes) ficou em 2.º e Charles Leclerc (Ferrari) completou o pódio. Esta foi a 10.ª vitória da época para Verstappen (em 15 provas), 30.ª da carreira, que lidera destacado o Mundial de pilotos: tem 310 pontos, mais 109 que o segundo, Leclerc.

IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGENS

Ciclismo. Moreira conquista GP *JN*

Depois da vitória na Volta a Portugal, o ciclista uruguaio Mauricio Moreira (Glassdrive/Q8/Anicolor) conquistou ontem a vitória final do Grande Prémio *Jornal de Notícias*, mantendo a camisola amarela da primeira à última etapa da prova (foi ganha por Tomas Contt, da Aviludo/Louletano/Loulé). António Carvalho (Glassdrive/Q8/Anicolor) e Joaquim Silva (Efapel) fecharam o pódio da competição.

Momento final do filme *Casablanca*, quando a personagem interpretada por Humphrey Bogart vê a de Ingrid Bergman partir para Lisboa.

João Céu e Silva
“A História de Portugal dava para Hollywood fazer centenas de filmes”

LITERATURA O escritor vai lançar o seu mais recente romance: *Adeus Casablanca*. Uma história inspirada no desvio do avião da TAP em 1961, um protesto político que agitou ainda mais um ano em que a governação de Salazar foi abalada por acontecimentos impensáveis para o Estado Novo.

TEXTO **CARLOS FERRO**

O nome da cidade marroquina de Casablanca está bem presente na memória de todos os que gostam de cinema, afinal o filme protagonizado por Ingrid Bergman e Humphrey Bogart nunca foi esquecido. São muitos os espetadores que sempre desejaram voltar ao cinema para ver a sua continuação, mas apesar de várias tentativas isso nunca aconteceu. Foi a partir dessa premissa que o jornalista e escritor João Céu e Silva decidiu ficcionar uma espécie de sequela, quanto mais não fosse porque a última cena de *Casablanca* é a da despedida do par romântico, quando Bergman embarca num avião que a leva para Lisboa.

A estrutura do romance, que chega às livrarias amanhã (6 de setembro), tem a ver com a tentativa da argumentista encarregada por um estúdio de Hollywood para escrever o novo argumento e que, ao saber do desvio do avião português, que fazia a carreira Lisboa-Casablanca, considera ser o ponto de partida de que necessita. Vem a Lisboa informar-se sobre esse acontecimento que tanto incomodou Salazar, num ano em que já tinha havido o desvio do paquete *Santa Maria* e começara a guerra em Angola, e da capital portuguesa vai para Casablanca, onde estará uma das passageiras desse voo. A sua intenção é descobrir o que aconteceu e ver até que ponto a vida dessa portuguesa poderá inspirar a continuação do mítico filme.

O autor explica ao *DN* que o seu objetivo foi utilizar um facto histórico como base ficcional neste livro: “A História de Portugal dava para Hollywood fazer centenas de filmes!” Acrescenta: “Se Clint Eastwood tivesse tido conhecimento das fugas impossíveis de prisioneiros de Peniche e de Ca-

xias talvez tivesse trocado Alcatraz por Portugal no filme que fez sobre essa prisão norte-americana."

Não pretendendo ser o argumento de uma possível sequela, o romance *Adeus Casablanca* é, considera o escritor, uma narrativa que confirma esse seu pressuposto de a história do nosso país ser muito cinematográfica.

"Só o ano de 1961 dava para meia dúzia de grandes filmes", garante. Dá exemplos relativos ao seu livro: "Em abril de 1961, reúnem-se em Casablanca os movimentos independentistas das Províncias Ultramarinas de Portugal, com o apoio do rei Maomé V. E seis meses depois chegam à cidade os oposicionistas Henrique Galvão e Humberto Delgado. A atividade diplomática e a da polícia política terá de acompanhar muito de perto o que se passa em Casablanca, ou seja, tem os melhores ingredientes para um ótimo *thriller*."

Sem querer desvendar a trama do romance, João Céu e Silva refere que tudo começa com a detenção da protagonista na praia de Cascais por usar um fato de banho considerado inapropriado pelas autoridades. "Curiosamente o mesmo sucedeu com a atriz que interpreta o papel de Ilsa Lund no filme de Michael Curtiz, quando em 1963 foi autuada na praia de Monte Gordo por vestir um biquíni. Teve de ser o diretor desse hotel de luxo a evitar o escândalo provocado pelo cabo do mar."

A partir daí, a ação decorre, na maior parte, em geografia marroquina, com o par romântico a fugir da perseguição que lhe é movida após o desvio do avião, sem esquecer evocações das obras de Paul Bowles e a filmagem de *Lawrence da Arábia*, entre outras referências da época.

É o romance próprio para quem nunca esqueceu o filme *Casablanca* e daria tudo para voltar ao cinema ver a sua continuação. Que poderia ter como ponto de partida o desvio real do Super-Constellation, que causou a Salazar tantos dissabores como o filme a Hitler.

cferro@dn.pt

ADEUS CASABLANCA
João Céu e Silva
Editora Guerra & Paz
319 páginas
Apresentação por Lídia Jorge no sábado, pelas 17.00 horas, no auditório sul da Feira do Livro de Lisboa

Pré-publicação

Adeus Casablanca
De João Céu e Silva

"Foram vários os acasos que me levaram a conhecer aquela mulher que estava sentada num cadeirão, como que perdida a olhar a paisagem que se via da janela do Rick's Café, em Casablanca. De idade avançada, não demorei muito a imaginar que poderia ser contemporânea das filmagens que deixaram Humphrey Bogart e Ingrid Bergman ligados para sempre àquela cidade através de uma história de amor cheia de situações dramáticas que só os tempos de uma guerra mundial seriam capazes de criar. Na verdade, ela não tinha assistido ao filme quando, no final do ano de 1942, estreou nos cinemas – "Ainda era muito nova", fez questão de dizer –, mas vira -o na sua juventude e também sofrera com as desventuras de um par romântico que tinha tudo para ficar junto, mas a quem isso não fora permitido.

Disse-me que se chamava Laura, um nome que não imaginei logo como sendo português. Disse-lhe o meu, Diana Gellhorn, mas não lhe contei o que realmente fazia em Casablanca. Até porque, quando começou a relatar a sua vida, compreendi que saber algo da minha história de pouco significaria em comparação com tudo o que aquela mulher já vivera. Fiquei, obviamente, curiosa quando confirmei que residira em Casablanca quando tinha a minha idade e que os acontecimentos que lhe mudaram a vida poderiam rivalizar com os desse filme.

– Não estou iludida, foi mesmo assim!

De seguida, ficou em silêncio, como que a recordar o passado e calei-me. Não a queria pressionar, apesar de estar ansiosa por saber o que lhe acontecera durante o tempo em que morara em Casablanca.

Durante esses minutos em que Laura permaneceu em silêncio, voltei a fixar-me nos seus olhos. Adivinhava neles uma história que tinha de ouvir e, provavelmente, seria aquela que me teria feito vir até Marrocos. Felizmente, Laura nunca perguntou a razão da minha viagem e eu mais não fui do que uma ouvinte atenta do que foi contando. Se Laura quisesse saber o porquê da minha presença em Casablanca, teria de ser sincera e dizer que era argumentista de um estúdio de cinema americano contratada para escrever a continuação do filme *Casablanca*. Poderia confessar-lhe que estava ainda muito longe de saber como iria ser a sequela, e que a única coisa que poderia garantir era que não a queria inferior ao filme original. Como Laura nada me perguntou, eu nada lhe disse, preferi escutar a sua história e logo veria o quanto ela me inspiraria.

Fora o seu olhar completamente perdido no tempo e a observar o exterior que se via desde aquela janela do Rick's Café que me fizera reparar nela. Estava imóvel quando notei a sua presença e assim ficou durante um longo período, como se tudo nela estivesse desfocado do presente. Contudo, havia no seu olhar um brilho que confirmava estar a acontecer-lhe algo de mágico, como se desaguasse naqueles olhos um rio de imagens em que só ela poderia navegar. Não existiria naquela corrente de memórias, a que a mulher estaria a assistir numa solidão especial, lugar para outros atores e cenas novas.

Enquanto esperava, perguntei a um dos empregados se a conhecia e a resposta soube-me a pouco.

– É uma cliente que tem sido habitual nos últimos dias, mas nada sei sobre ela.

Cabia-me, então, informar-me do que fosse possível sobre a dona daqueles olhos. Aguardei mais um pouco e entretive-me a ver o restaurante, que do Rick's Café original pouco imitava ao nível da arquitetura, mas estudava o filme por todos os lados. A zona onde tinha almoçado ficava perto de uma moldura com um cartaz de outro filme com Ingrid Bergman e também próximo de outro com Humphrey Bogart. A mesa ficava debaixo de uma enorme claraboia que encimava o teto daquela sala, num varandim a meia altura do edifício que dava para um pátio em baixo, e dali era impossível não reparar no balcão semelhante àquele a que Bogart se encostava e pedia uma bebida no início do filme. Era inevitável não recordar que, pouco depois, ele ouvia a música *As Time Goes By* e se dirigia ao pianista para o admoestar.

– Não quero que toques essa música, quantas vezes já te disse?

A personagem interpretada por Bogart ainda não reparara na razão por que o pianista se pusera a tocar a canção proibida: fora a pedido da personagem representada por Ingrid Bergman, que tinha entrado no Rick's Café há poucos instantes e, sem ele poder adivinhar, vinha baralhar-lhe novamente a vida. Olhei em redor e logo descobri um piano num lugar de destaque na sala. Não era parecido com o do filme, reparei, mas oferecia um teclado para que outras mãos transportassem os clientes a memórias de outros tempos. Distraída, demorei a voltar a reparar na mulher com um brilho nos olhos, que, entretanto, voltara ao mundo real. Achei que já a poderia incomodar, nada tinha a perder e poderia ganhar tudo. Foi com algum receio que me aproximei dela, após decidir que chegara a minha vez de entrar na sua vida.

A mulher não se assustou com a minha aproximação, apenas ficou surpreendida.

– Estava tão distraída! – disse para justificar a sua primeira reação, acrescentando em seguida: – Sabe, eu vivi nesta cidade, mas naquela altura não existia um Rick's Café como agora. Nenhum estrangeiro percebia a razão dessa ausência, afinal era a primeira coisa pela qual todos procurávamos mal chegávamos à cidade, além de que a maioria destes marroquinos desconhecia que havia um filme tão bonito que se passava na sua cidade, o que era ainda mais estranho.

– Foi uma boa ideia este casal ter aberto um Rick's Café… Acho que foi inaugurado há uns meses.

Os olhos dela continuavam brilhantes como quando os descobrira, talvez um pouco menos porque eu a distraíra. Não resisti a utilizar esse pretexto para saber algo mais sobre ela.

– Desculpe o que lhe vou dizer, mas reparei que parecia estar noutro mundo ainda há pouco. É verdade?

Não respondeu de imediato. Em seguida, olhou para mim com um olhar misterioso, quase de detetive, talvez a perguntar-se se deveria dar-me atenção ou se seria melhor continuar sozinha e obrigar-me a ir embora pela ausência de respostas. Tive sorte.

– Tem toda a razão no que disse. Desde que cheguei à cidade que me é impossível não viver quase sempre no tempo em que Casablanca existiu na minha vida. E não foi durante um período assim tão grande, mas eu era muito impulsiva e fiz o que bem me apeteceu.

Antevi que não seria necessário forçar o fio das memórias de Laura, bastava mostrar interesse e, seguramente, ouviria a sua história. Não demorou muito para que me contasse que regressara a Casablanca porque soubera da inauguração do Rick's Café.

– Está muito diferente de como era quando cá viveu? – Comecei por esta pergunta para a qual sabia a resposta, mas esperava, deste modo, captar a sua atenção e poder ouvir a história que imaginava existir na memória daquela mulher.

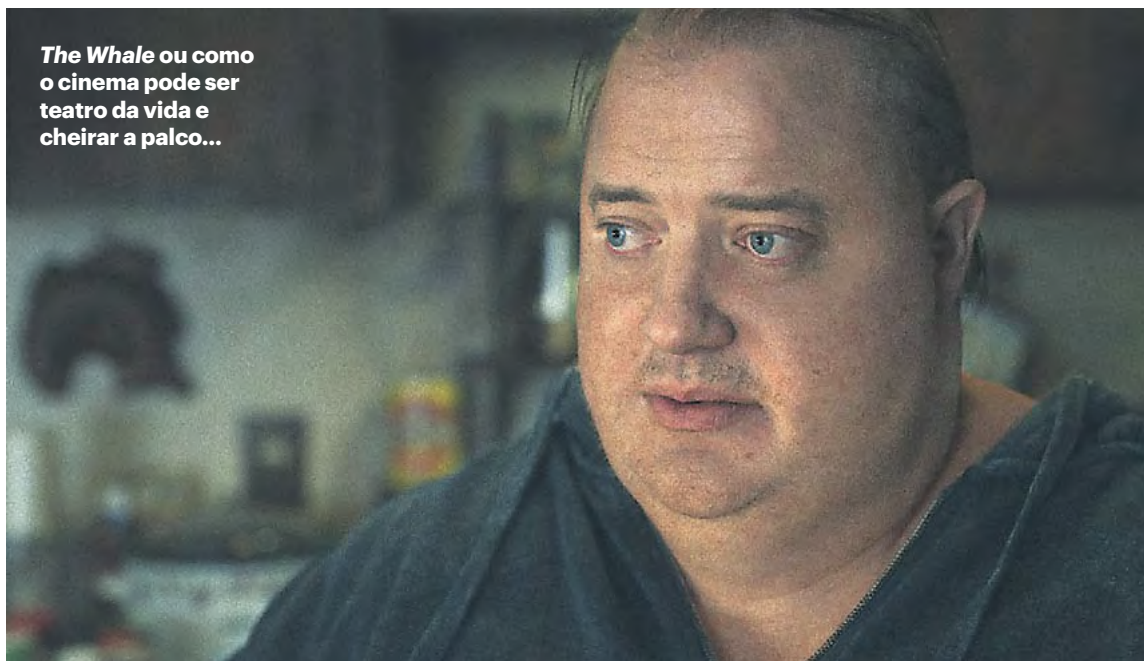
Às vezes, penso que ser argumentista troca-me as voltas à vida, pois acho que posso escrever as falas que desejo ouvir em vez daquilo que as pessoas têm para me dizer. No entanto, estava certa de que Laura não me iria desiludir – aquele olhar que lhe descobrira era uma boa promessa – e bastava ser cautelosa para que ela desabafasse. Não devia pressioná-la, apenas demonstrar suficiente interesse.

– Não tem pressa em rever Casablanca, é isso?

– Pressa… essa palavra já não existe na minha vida, é mais querer evitar desilusões. Pelo que vi através da janela do táxi, a cidade mudou muito, está mais moderna e incaracterística em relação ao que era. Sabe que os americanos, quando visitam Marrocos, querem sempre começar por Casablanca, o problema é que esta cidade não tem interesse algum para os turistas. A imagem que trazem é a daquele filme antigo, que em nada corresponde à realidade. *Casablanca* foi filmado em estúdio, bem longe daqui, e os cenários nada tinham que ver com a cidade de então. Não vai encontrar um recanto sequer que se assemelhe ao que se vê no filme, apenas o que os decoradores de Hollywood achavam que seria uma cidade do norte de África. Acho que nem nunca cá vieram filmar um exterior, foi tudo inventado. Tinha um amigo que explicava este engano assim: "O visitante chega e não encontra nenhuma das vielas escuras em que os habitantes locais, com os seus turbantes, estão envolvidos em intrigas e espionagem, apenas avenidas que se estendem por quilómetros. Só mesmo por acaso encontrará alguma rua daquelas ou alguém de turbante. Casablanca não é Marrocos, é um prego alheio cravado no flanco de Marrocos." Era pior ainda na altura em que vivi cá, e nisso o meu amigo tinha razão: a cidade continuava assombrada por uma tenebrosa *présence française*, que era um fantasma que recusava ser exorcizado apesar de o protetorado já ter acabado há alguns anos. É o que acontece a uma cidade que quer ser europeia, mas é povoada por muçulmanos!

Tentei desviar a conversa para o que mais me interessava, perguntando-lhe em que época ali vivera. Foi assim que fiquei a saber que tinha uma idade muito próxima da da atriz Ingrid Bergman quando estivera em Casablanca.

– Não gostaria de ter ficado a viver em Casablanca? – perguntei a seguir."

***The Whale* ou como o cinema pode ser teatro da vida e cheirar a palco...**

O sustentável peso de Brendan Fraser

FESTIVAL *Veneza'22* continua com uma programação fortíssima. Para já, além de Cate Blanchett, há também Brendan Fraser em *The Whale* a carimbar a nomeação para o Óscar, num festival que mostra hoje os afetos da comunidade *queer* açoriana em *Lobo e Cão*, de Cláudia Varejão.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM VENEZA

Depois de Mickey Rourke em *The Wrestler*, Darren Aronovsky recupera outra vedeta esquecida de Hollywood, Brendan Fraser, conhecido da saga *A Múmia* e ultimamente algo afastado depois de ter ficado obeso. E é sobre obesidade que a casa gasta em *The Whale*, adaptação de uma peça de Samuel D. Hunter que narra os últimos dias de um professor de Inglês a sofrer de obesidade mórbida radical e a tentar ganhar o afeto da filha adolescente que mal conheceu. Um homem preso ao seu sofá e andarilho em espiral de tormenta física. Mesmo com muita maquilhagem e prostéticos, nota-se que é Fraser por trás desse corpo de excesso, entre um desejo suicida e a degradação de um corpo que sofre a vomitar, a rir, a masturbar-se e a sufocar. Um Brendan Fraser a dar dimensão humana a este arraial de expiação, um ator capaz de uma aura de humanidade absolutamente comovente, uma interpretação monumental que lhe dará, de certeza, nomeação para os Óscares.

Na sessão de imprensa, os aplausos para este filme de um só *décor* foram impressionantes, sobretudo quando surgiu no ecrã o nome de Fraser. *The Whale* será mesmo uma das coqueluches desta próxima temporada de prémios e só muito estranhamente não estará neste palmarés de Veneza.

À saída da sala havia quem se queixasse da dimensão teatral do filme, mas a realização de Aronovsky nunca deixa em terra alheia uma tensão que é só do cinema, mesmo quando não retira o tempo e os tempos do teatro entre os diálogos na sala de estar desse homem imóvel, uma espécie de Homem-Elefante que faz do seu otimismo e bondade uma forma de estar no mundo. Claro que as referências a *Moby Dick* e a Herman Melville fazem parte da receita de charme, mas o segredo de tudo parece estar na pacatez de processo de estilo da câmara de Aronovsky, um cineasta que vai direto à grande emoção humana.

Na secção *Dias de Autores*, chega então hoje *Lobo e Cão*, de Cláudia Varejão, depois de recentemente ter sido um dos filmes escolhidos pela Academia portuguesa para ser pré-candidato aos Óscares.

> Em *The Whale* vemos uma interpretação monumental de Brendan Fraser que lhe dará, de certeza, nomeação para os Óscares.

E bem que se pode reafirmar que a ficção fica bem à cineasta de *Ama-San*, mesmo pensando que estes não-atores têm muito do real naquilo que estão a interpretar ou a encenar. São as suas vidas e dificuldades de existir enquanto seres livres numa comunidade de São Miguel, Cabouco, onde é quase quixotesco os jovens poderem viver uma vida *queer* livre.

O filme é de uma liberdade formal notável, evitando maneirismos estéticos que certos "números" musicais poderiam armadilhar e nunca dispensando uma higiene visual que é apanágio nos filmes desta cineasta. E este grupo de jovens ,que se presta a um enredo muito real, tem talentos cujos rostos trazem uma verdade e beleza muito própria. Mais um bom filme português num grande festival internacional...

Apenas se lamenta que com este sistema de recolha de bilhetes da imprensa nas secções paralelas muitos não consigam chegar facilmente a este título. As filas virtuais para conseguir entradas neste festival são o pior de uma edição que ainda terá de Portugal *A Noiva*, de Sérgio Tréffaut e a reposição em cópia restaurada na *Semana da Crítica* de *O Sangue*, de Pedro Costa.

dnot@dn.pt

Opinião
Jorge Barreto Xavier

Semanologia

A falsa inocência

Há umas semanas atrás, respondi ao *Questionário Proust*, no *Diário de Notícias*. À pergunta "O que detesta acima de tudo?", respondi de forma telegráfica: "A falsa inocência". Fiquei, depois, a pensar que deveria ter sido menos lacónico. É por isso que retomo o tema.

1 O que é a inocência? A inocência é um dom que nos aproxima da Natureza. A Natureza é neutra em questões morais. E a inocência corresponde a uma característica, não a um ato da vontade. A diferença entre bem e mal dificilmente pode tomar em conta a geografia da inocência, pois a distinção só existe para quem conhece a malícia, coisa fora do território inocente. De facto, uma pantera, um melro, um jacarandá, um gafanhoto ou uma lagosta, até prova em contrário, vivem na inocência. Não há malícia nas garras que determinam o destino da gazela, no bico que tece o ninho, na floração de maio, na infestação de um campo de milho ou nas tenazes de um crustáceo. A malícia é humana, corresponde à consciência do mal. Ela põe na organização do espírito e dos dias o problema da idade, pois a passagem do tempo afasta a inocência. A Humanidade nasce perto da Natureza, na ignorância de poder fazer mal. Depois, sob o que se chama crescer, colocam-se sobre o viço do começo os anéis da consciência, que se articulam com a vontade e o poder.

2 Ninguém, na sua humanidade, cresce inocente. Cobrimo-nos de anéis, mais ou menos brilhantes, e a composição de cada ser humano é um exercício criativo de articulação da consciência, da vontade e do poder. O caminho humano que afaste, em diversos graus, a malícia, não corresponde nunca ao retorno ao estado primacial da inocência, pois tal é impossível, se não formos tomados pela senilidade ou pela doença mental. Interpela-nos, desde o conhecimento da malícia, saber o que fazer com ela. Vive-se com a malícia e o seu uso pode ir desde a simples ironia ao desejo de fazer mal, até à ação ou omissão maldosa. A escolha maliciosa encontra-se entre a consciência da infração de princípios que organizam a paz interior e da comunidade e o objeto do desejo. E seja no menino que empurra maldosamente o colega no recreio ou no assassino em série, os graus da malícia correspondem à individualidade de cada ser humano.

3 O humano vive com a verdade e a mentira, sendo que nenhuma das duas são inocentes e a sua conjugação é complexa e cheia de zonas cinzentas. Articular a verdade e a mentira com o bem e o mal não é fácil, pois há mentiras bondosas e verdades que fazem mal. O encontro pessoal do bem com o ser e o fazer é exigente e dificilmente escrutinável nas suas razões e resultados. Apesar de se dizer que uma árvore se vê pelos seus frutos, há frutos apetecíveis e belos de más sementes e outros bem pequeninos e quase desprezíveis de um valor incalculável. Quais as justificações e reconhecimentos aceitáveis para tão diferentes cultivos, regados no campo comum dos dias?

A vida dá a oportunidade de olhar em frente com a clareza dos valores que se prosseguem ou de negar essa hipótese, colocando os olhos como cortinas cerradas.

A reivindicação da pureza de quem sabe não ser inocente é comum. Sendo que o estado da inocência é impossível, mas a responsabilidade face à malícia desejável, a reivindicação falsa da inocência, responsabiliza mais os maiores detentores de poder. Não se trata só do problema da legalidade. Trata-se, acima de tudo, do problema da justiça. Mais importante que cumprir a lei é ser justo. E a justiça implica não enganar. Quando disse detestar a falsa inocência, referi-me à reivindicação retórica da pureza e à exibição impudica dos bons frutos das más sementeiras ou ainda à exibição de frutos que são belos na aparência, mas bichados no seu interior.

É preferível o ladrão que guarda discretamente o produto do seu roubo, àquele que grita no rossio que tem o peito cheio de medalhas. Ou não? Voltarei ao tema para a semana.

A apanha, a pisa e a prova. Seis programas de vindimas

ENOTURISMO São muitos os produtores nacionais, de norte a sul, que abrem as suas portas àqueles que querem participar na vindima. Há programas para todos os gostos, que somam à apanha da uva, visitas às adegas, provas de vinhos e refeições enogastronómicas. Sugerimos seis, de outras tantas regiões vinícolas.

Durante o mês de setembro, vários produtores abrem portas aos turistas.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

VINHOS DO TEJO

Casa Paciência

A Casa Paciência organizou um programa que começa com um *welcome drink*, em que é apresentado este produtor, um dos mais antigos da região dos Vinhos do Tejo, e entregue o "*kit* de vindima". Segue-se um passeio pelas vinhas que inclui participação na vindima, e uma visita à adega para pisar uvas (sujeito a disponibilidade). Depois, é tempo de provar mosto de uva e três vinhos da Casa. São três horas de partilha que culminam com almoço ou jantar regional, acompanhado pelos vinhos Paciência.
Datas: Até 30 de Setembro, mediante disponibilidade e marcação
Número de participantes: 4 a 20 pessoas por grupo
Preço: €45,00 por pessoa (refeição com prato regional e sobremesa)
Contactos: 243 558 804 ou info@casapaciencia.com
Morada: Rua Dr. Queirós Vaz Guedes, 128, Alpiarça

VINHOS DA BAIRRADA

Caves Aliança

O programa da Aliança Vinhos de Portugal, Vindimas na Bairrada "A Tradição", tem início nas caves com o mesmo nome, em Sangalhos. É dali que se parte para a vinha, onde são formadas equipas e lhes é entregue o material necessário para o corte das uvas. Segue-se uma visita à adega – onde se acompanha o processo de receção das uvas nos tegões e sua transformação em mosto – e ao Aliança *Underground Museum*.
Datas: Setembro e primeira quinzena de outubro, sempre que haja condições para a realização de vindimas. De segunda a sexta-feira, exceto feriados. Marcação obrigatória e sujeita a disponibilidade.
Número de participantes: 10 a 100 pessoas
Preço: €60,00 por pessoa
Contactos: 234 732 045 ou visitas@alianca.pt
Morada: Aliança Vinhos de Portugal – Rua do Comércio, 444, Sangalhos

VINHOS DO ALENTEJO

Adega José de Sousa

Localizada em Reguengos de Monsaraz, a Adega José de Sousa convida a celebrar as vindimas com um programa especial, que arranca às 11.00 horas com um *welcome drink*. Aqui vai poder participar nas atividades no campo, com o corte dos cachos, ou da adega, com a prova de mostos ou com a pisa a pé. Pode ainda desfrutar de um almoço (opcional) de petiscos regionais: gaspacho, empadas de galinha, folhados de carne, queijos, enchidos variados, azeite, pão regional, azeitonas, compota, biscoitos tradicionais e fruta da época, acompanhado por vinhos do produtor.
Datas: Até 18 de setembro
Número de participantes: de 2 a 16 pessoas
Preço: Opção com almoço: €58 por pessoa, €15 para crianças entre os 4 e os 8 anos, €25 para crianças dos 9 aos 17, Preço família (2 adultos + 2 jovens): 150,00 euros
Contactos: 918 269 569 ou josedesousa@jmfonseca.pt
Morada: R. de Mourão 1, Reguengos de Monsaraz

VINHOS DO DÃO

Quinta de Lemos

A Quinta de Lemos volta a receber todos aqueles que queiram participar na apanha da uva e viver toda a experiência das vindimas. Ao ritual junta-se uma visita guiada e uma prova de vinhos acompanhada por petiscos, tal como a pisa do lagar. Esta é igualmente uma ótima oportunidade para conhecer a oferta gastronómica do restaurante Mesa de Lemos, inserido na Quinta de Lemos e o único com uma estrela Michelin na Região Centro.

Datas: Mês de setembro, de 2ª a 6ª feira, em dois horários por dia: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 16h30
Número de participantes: mínimo de 2 pessoas e máximo de 6
Preço: 100€/adulto, 50€/crianças dos 13-18 anos, crianças até aos 12 anos não pagam
Contactos: 232 951 748 ou 232 951 495 ou info@quintadelemos.com
Morada: Passos de Silgueiros, Silgueiros

VINHOS VERDES

Quinta do Hospital

Na viagem preparada pela Quinta do Hospital, os visitantes têm a oportunidade de explorar o *terroir* e acompanhar todo o processo de produção de vinho da marca, começando pela apanha da uva. O programa contempla também a visita à adega, onde são criados os vinhos da gama Barão do Hospital, seguindo-se uma prova comentada com o Barão do Hospital Alvarinho e o Barão do Hospital Loureiro. Os visitantes poderão desfrutar, ainda, de um piquenique no Jardim das Oliveiras ou por um almoço ou jantar vínico.

Datas: Até 9 de setembro
Preço: 30€/Pessoa – Piquenique + Visita à Quinta + Prova de Vinhos gama Barão do Hospital
Número de participantes: mínimo 15 pessoas
Contactos: 251 656 243 914 456 659 ou vinhosverdes@falua.pt
Morada: Estrada Nacional 202, Ceivães, Monção

VINHOS DO DOURO

Quinta do Pôpa

Situada no coração do Douro, a Quinta do Pôpa organiza o programa *Vindimas à do Pôpa – Especial 90 anos Vinhas Velhas*, que começa, às 10.30 horas com um *welcome wine moment*, durante o qual é degustada uma das referências vínicas do produtor. Segue-se uma visita à adega e à sala do tempo e depois os visitantes são acompanhados até à vinha para participar no corte das uvas. O trabalho será recompensado com uma prova especial Vinhas Velhas, durante o tradicional almoço de vindima, mas segue com a participação em todos os processos na adega, durante a tarde.
Datas: Em setembro, todas as quartas e quintas-feiras, entre as 10h30 e as 15h00
Preço: €150 por pessoa
Número de participantes: mínimo de dois participantes
Contactos: 966 307 161 ou 916 653 442 ou www.quintadopopa.com
Morada: Estrada Nacional 222, Adorigo, Tabuaço

Diario de Noticias

Director — AUGUSTO DE CASTRO

A MAIS GRAVE QUESTÃO DA REPÚBLICA

AS CAMPANHAS DO SUL DE ANGOLA

A homenagem de ontem ao general Pereira de Eça

O almoço de confraternização dos oficiais que tomaram parte nas operações

Recorda-se a acção do 3.º batalhão de infantaria n.º 17 nos brilhantes feitos militares de 1914-1915 contra os cuanhamas

UMA IDEIA EM MARCHA

O congresso da imprensa latina, proposto em Paris pelo director do "Diario de Noticias", realizar-se-á na proxima primavera, por ocasião da feira de Lião

GUERRA HELENO-TURCA

OS GREGOS DESBARATADOS

em Eski-Cheir?

"SER SOLDADO"

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 5 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A MAIS GRAVE QUESTÃO DA REPÚBLICA

Foram já há dias aprovadas na Câmara dos Deputados as emendas votadas pelo Senado à proposta de lei sôbre Transportes Marítimos.

A proposta está assim, de facto, transformada em lei—mas parece que a pressa, a impaciência que houve em fazer votar pelo parlamento essa questão não existe já agora em lhe dar publicidade oficial. A lei, que os jornais há mais de uma semana anunciavam dever ser publicada no dia seguinte, dorme agora a sono sôlto, não sabemos onde. O *Diário do Govêrno* ainda não a publicou.

Não citamos o facto senão como uma demonstração dessa incoerência que há na maior parte da nossa vida administrativa. Reclamam-se, como indispensáveis, leis que nao se cumprem; grita-se pela urgência de assuntos que depois se deixam cair de podres, se esquecem ou se arrastam. É é desta falta de espírito de continuidade nos actos da vida pública, como nas atitudes dos homens, que nasce freqüentemente a atmosfera de desconfiança, o scepticismo e a incredulidade que, por vezes, asfixia os politicos e inutiliza todos os grandes esforços de opinião em Portugal.

Esta questão dos Transportes Marítimos é uma questão grave: foi e continua sendo a mais grave do regime, pela onda de corrupção que levantou e pela série de suspeições, de toda a ordem, que ainda hoje a envolvem. A ruïnosa administração dos navios ex-alemães, arrastando-nos interna e externamente a misérias sem nome, dando como resultado financeiro a falência estrondosa e que só não foi fraudulenta, porque o Estado a cobriu, e, como resultado técnico, o que se sabe e se está ainda vendo nesse deplorável vexame das viagens do *Pôrto* e do *Lourenço Marques*, constituiu um escândalo, cuja repercussão não é facil apagar.

A lei, votada no Parlamento e ainda não publicada, aliena da gerência do Estado a valiosa frota mercante que é, pode dizer-se, tudo quanto, como benefício material e imediato—e, por sinal que até agòra, bem precário—nos resta, da guerra, entregando a sua exploração, sob condições várias, à indústria particular. Não podia seguir-se outra orientação — mas o facto de a ter seguido não implica no espírito público, justamente interessado por um problema que tem um aspecto moral porventura ainda muito mais importante do que o seu aspecto económico, o encerramento do assunto.

Os Transportes Marítimos passam do Estado para a indústria particular. E' já alguma coisa, mas não basta. O concurso que vai ser aberto precisa de revestir-se, não apenas de todas as circunstâncias legais,—mas de todas as condições morais. Tem de fazer-se diante do país—e se não queremos ressuscitar ou dar fóros de autoridade às suspeições, criadas pelos maus precedentes da questão, também entendemos que não deve enterrar-se no silêncio um incidente que está ligado aos mais vitais interêsses do país. Só êsse aspecto nacional nos preocupa, mas êle é bastante forte para não podermos esquecê-lo.

Portugal é um país essencialmente marítimo. O mar é o grande meio de comunicação comercial, aberto às suas importações e às suas riquezas. Portugal é um país colonial, em plena fase de necessario desenvolvimento ultramarino. O mar é geogràficamente a sua grande riqueza.

A frota mercante que recebemos da Alemanha pode e deve representar, ao serviço da nação, um grande papel na reconstituïção económica do país. Compreende-se a capital importância que tenha entregar êsse grande instrumento de valorização marítima a mãos que não lhe dêem o aproveitamento nacional que êle deve ter—ou que, num dado momento, em vez duma arma de defesa e de expansão de interêsses colectivos, o transformem, ao serviço, embora encapotado, de interêsses estranhos ou menos escrupulosos, numa rede lançada em torno do país, entorpecendo-lhe os movimentos de que careça.

Estamos, no mundo inteiro, num momento de guerra surda de concorrências económicas—que uma pequena faúlha, despertando um incêndio, pode amanhã transformar num conflito aberto e encarniçado. Um país marítimo, como o nosso, ligado pelo mar às suas colónias e isolado num extremo ocidente da Europa, tem de encarar o problema das suas comunicações marítimas, em paz, como em guerra, como o maior dos seus problemas nacionais — porque é o problema da sua autonomia económica, o problema do seu abastecimento interno, o problema essencial das suas fronteiras.

Por isso, repetimos, não basta, para um assunto desta gravidade, a garantia precária, fàcilmente sofismável, das disposições duma lei, boa ou má, segundo a aplicação que tiver. Há garantias de ordem moral que impõem que a acção dos interêsses que se agitam em tôrno desta questão, se desenvolvam à luz clara do dia—e que o país saiba quem está por trás das cortinas que porventura a esta hora já se preparam para, na sombra, espreitar o momento de surgir.

Quer sob o ponto de vista das vantagens da sua exploração industrial, quer sob o ponto de vista (e êsse é importantíssimo) do predomínio que a posse da frota do Estado representa sôbre a economia nacional, o negócio dos navios levanta à sua volta interêsses avultados.

Há a possível cupidez de elementos internacionais, de intervenções estranhas que é necessário afastar—e com tanta mais segurança e dificuldade quanto êsses elementos fàcilmente se mascaram e fàcilmente podem acobertar-se atrás de rótulos nacionais. Bem sabemos que o artigo 6.º da lei diz que as acções da empresa adjudicatária serão nominativas e só podem ser possuídas por portugueses—mas não ignoramos, como ninguém ignora, a facilidade com que semelhante cláusula pode ser sofismada, se na execução do seu espírito não se puser, desde o princípio, uma vigilante e perspicaz atenção. E há também, além disso, o crédito da administração do país, que é necessário desviar da afrontosa suspeita de conluios que já a demasiados males arrastaram esta malfadada questão.

O problema dos Transportes Marítimos é um problema nacional. Arrancá-lo dum lamaçal, como era a administração do Estado, para o atirar para uma encruzilhada, como pode ser uma aventura de interêsses, manobrada na sombra—seria sair dum mal para caír, sob muitos aspectos, num mal maior.

Diz-se que o sr. ministro do Comércio e actualmente interino das Finanças vai deixar a primeira das pastas para assumir definitivamente a gerência da segunda. Sem que as nossas palavras possam atingir a muita consideração pessoal que o sr. ministro nos merece, achamos bem. A pasta das Finanças importa neste momento tão absorventes preocupações, que não é justo sobrecarregar as responsabilidades que da sua direcção derivam e que o sr. Lima Basto há de certamente honrar, com os cuidados, a atenção e os melindres que a administração do ministério do Comércio exige—numa hora em que sôbre êle pesa um problema de tanta e tão delicada importância.

E'-nos indiferente que os Transportes Marítimos sejam adjudicados a A. a B. ou a C. É-nos indiferente o negócio, perfeitamente legítimo, desde que seja regular e claro, que essa adjudicação represente. Aquilo que desejamos é que a resolução última da entrega dos valiosos interêsses ligados à nossa frota mercante constitua uma solução, *não, apenas, legal e aparentemente, mas moral e efectivamente nacional.* Aquilo que desejamos, para honra da administração portuguesa, é que de cima desta questão infeliz se varram de vez suspeições certamente infundadas, mas às quais o silêncio público pode ser propício.

Guardar êsse silêncio é, neste momento, servir mal o país. Enquanto o falar poderia parecer pretender «complicar» ou «dificultar», calámo-nos. Agora, que falar não pode significar senão «esclarecer»—falamos.

UMA IDEIA EM MARCHA

O congresso da imprensa latina, proposto em Paris pelo director do "Diario de Noticias", realizar-se-á na proxima primavera, por ocasião da feira de Lion

COMO UM IMPORTANTE JORNAL ROMENO APRECIA A INICIATIVA DO SR. DR. AUGUSTO DE CASTRO

A ideia da realização de um congresso da imprensa latina, aventada em Paris pelo director deste jornal, tem sido calorosamente acolhida por muitos dos principais jornais da Europa e da America. A ideia está em marcha e tudo indica que os seus resultados venham a ser proveitosos.

Por nos parecer interessante, traduzimos do importante diario de Bucarest «Vutorul» (O Futuro), um pequeno artigo que aquele jornal publicou em 6 de agosto findo, da pena do seu distinto cronista em Paris, sr. Pompiliu Paltanea.

Se houvesse uma bolsa de ideias, nestes tempos em que por toda a parte se procura febrilmente a cotação dos valores, poder-se-ia facilmente constatar que a ideia latina está em continuo desenvolvimento. Não só os espiritos votados particularmente ao desenvolvimento das letras e das artes, ao progresso da inteligencia humana, mas tambem os pensadores politicos e os legisladores, os economistas e os sociologos preguntam uns aos outros, perante o espectaculo que a Europa agitada de hoje oferece, se os atributos do genio latino, ao qual se deve uma civilização imortal, depois dum imperio tão poderoso, e duma paz tão longa como solida, não podem servir nestes dias de crise geral e quasi de desvario, como principios condutores para a criação daquele estado de harmonioso e justo bem-estar, ao qual a humanidade aspira.

A fim de auxiliar o exame necessario de todas as relações da consciencia latina, o eminente escritor e jornalista português, dr. Augusto de Castro, acaba de propôr que os representantes dos grandes quotidianos e periodicos do mundo latino, aos quais incumbe a tarefa de formar e dirigir a opinião publica de todos os países, se reunissem em congresso, no qual as caracteristicas intelectuais e morais das nações reunidas, fossem desenvolvidas e estudadas pelos delegados dos respectivos países. Assim, conseguir-se-ia conhecer os elementos constitutivos, como o valor da tradição latina, o fundo que os povos, provenientes da mesma raça, tivessem herdado e conservado em comum, enriquecendo em condições de vida diferentes, mas obedecendo á mesma lei interna. Conseguir-se-ia ainda conhecer as razões seguras da aproximação de todos os povos latinos, fixar a modalidade da realização do congresso, a despeito dos obstaculos eventuais de ordem material que possam surgir, e de duração passageira, e a unidade da alma latina. Para a manutenção desta unidade da alma latina deveriam e poderiam trabalhar os jornalistas latinos associados, se tomassem o encargo solene de trocarem impressões e informações e se estivessem de acordo sobre a utilidade, os planos e os meios das campanhas a sustentar em favor do Ideal celebrado por Mistral.

A proposta do academico sr. Augusto de Castro, acolhida com grande aplauso pelos representantes da imprensa latina europeia e americana em Paris, durante o banquete organizado em honra do ilustre confrade português pelo sr. Paulo Osorio, director do jornal *Paris-Noticias*, foi aprovada com vivo entusiasmo pelo sr. Edouard Herriot, deputado, «maire» de Lyon e antigo ministro. Sob a presidencia deste ultimo, constituiu-se já uma comissão da qual fazem parte os srs. Maurice de Walleffe, Géville, Montarroyos, Osorio, Passi, Paltanea, etc., encarregada de preparar o congresso que se realizará na primavera proxima, por ocasião da feira de Lyon, para o qual todos os directores dos grandes quotidianos e periodicos dos países latinos serão convidados pelo sr. Herriot em nome da municipalidade de Lyon, da qual durante uma semana serão hospedes.

GUERRA HELENO-TURCA

OS GREGOS DESBARATADOS em Eski-Cheir?

Os aliados vão estudar o meio de pôr termo ás hostilidades na Anatolia

LONDRES, 4.—Os jornais de todas as côres politicas dizem que foram removidas as dificuldades que haviam surgido para a realização da conferencia de Venesa, onde vão ser tratados os assuntos do proximo Oriente.

O correspondente diplomatico do «Observer» diz que a continuação da guerra na Anatolia representa um prejuizo imenso e a Inglaterra de acordo com a França, esforçar-se-ha por pôr termo ás hostilidades.

Informam de Roma que o sr. Schanzer, ministro dos Negocios Estrangeiros de Italia, teve uma larga conferencia com o prefeito da policia de Venesa, respeitante á organização da proxima conferencia do Oriente.—Latino Americana.

O terceiro corpo do exercito grego abandonou 5.000 mortos na retirada

ANGORA, 4.—O terceiro corpo do exercito grego foi desbaratado em Eski-Cheir, tendo abandonado 5.000 mortos.

Os gregos, na sua retirada, fazem saltar as pontes e minam as ruas, que explodem á passagem dos turcos, para deter a marcha destes.

Com dificuldade se organizou um segundo corpo que partiu para a frente de batalha.

Espera-se a cada momento a ocupação de Brussa pelas tropas turcas.—Especial.

O comunicado helenico diz que o exercito grego recúa livremente...

ATENAS, 4.—O ultimo comunicado anuncia que o exercito helenico tem continuado a recuar, mas sem sofrer pressão inimiga.

Partiu para Smirna a frota grega de guerra.—(Latino Americana).

... mas os turcos afirmam que obrigam o inimigo a retirar-se

CONSTANTINOPLA, 4.—As tropas gregas continuam a retirar, sob a pressão das forças turcas.

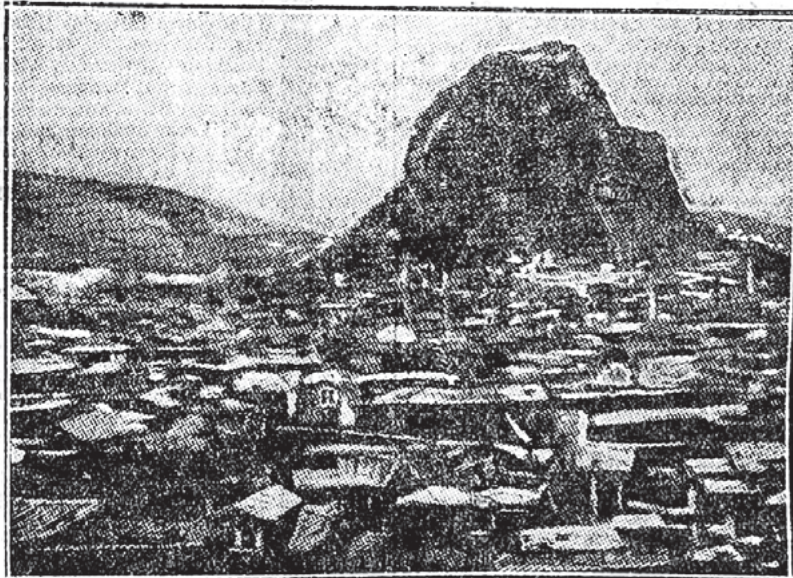
Em Atenas, censura-se o govêrno por ter acumulado grandes forças nas linhas de Tchataldja, desguarnecendo as linhas da Asia Menor.—(R).

O govêrno grego mostra-se disposto a evacuar a Asia Menor mediante compensações

PARIS, 4.—Segundo o «Temps», o govêrno grego deseja concluir um armisticio para organizar a evacuação da Asia Menor, esperando receber como compensação a Tracia e ocupar aparentemente Constantinopla ou mandar avançar as tropas até aos arredores daquela cidade.—(Especial)

As esquadras aliadas concentram-se em Smirna

CONSTANTINOPLA, 4.—Os cruzadores ingleses, franceses e americanos receberam ordem de partir para Smirna.

O navio de guerra britanico «Iron-duke» acaba de chegar áquele porto.—(Especial).

Uma vista da cidade de Afium-Kara-Hissar, onde o 3.º corpo do exercito grego acaba de sofrer um grande revez

TIAGO PETINGA / LUSA

A guerra na Ucrânia marcou o discurso de Jerónimo de Sousa no encerramento da *Festa do Avante!*

Governo "é cúmplice na continuação da guerra"

FESTA DO AVANTE! Secretário-geral reafirmou que PCP está "ao lado da Paz", contra o "incitamento ao ódio" e a "exacerbação da xenofobia" do outro lado.

Para Jerónimo de Sousa, os Estados Unidos, Bruxelas e a NATO, "com a cumplicidade do governo português", tudo estão a fazer para continuar a guerra na Ucrânia, sem qualquer preocupação pelas condições de vida das populações.

"A escalada da guerra na Ucrânia e a espiral de sanções impostas pelos Estados Unidos da América, a União Europeia e a NATO, com a cumplicidade do governo português, são indissociáveis da desenfreada especulação e aumento dos preços da energia, dos alimentos e de outros bens de primeira necessidade, do ataque às condições de vida dos povos, arrastando o mundo para uma ainda mais grave situação económica e social", disse, ontem, o secretário-geral comunista, no comício de encerramento da *rentrée* comunista, na *Festa do Avante!*

Na ótica do líder do PCP, "a realidade está a demonstrar quem tudo faz para que a guerra não termine" e também "quem tudo faz para acumular lucros colossais com a sua continuação", referindo-se à indústria do armamento e às multinacionais do setor da energia.

Seis meses depois do início da invasão russa à Ucrânia, Jerónimo de Sousa fez questão de deixar, mais uma vez, vincada a posição do partido: "Razão tem o PCP ao estar, desde a primeira hora, do lado da paz e contra a guerra; razão tem o PCP ao defender uma solução política para o conflito."

O outro lado, segundo ele, está o fomentar do "incitamento ao ódio" e da "exacerbação da xenofobia".

No tradicional comício que encerrou a *46.ª Festa do Avante!*, no Seixal, e, na véspera de um Conselho de Ministros extraordinário no qual vão ser aprovadas medidas para combater o atual contexto de inflação, o secretário-geral do PCP acusou ainda o governo de medidas "faz-de-conta" e de usar a inflação, esteja alta ou baixa, como justificação para não aumentar rendimentos, defendendo que o Executivo deve agir e não "esconder-se".

Na ótica do PCP, são necessárias medidas de emergência com efeitos a partir de setembro, entre elas, o "aumento geral dos salários e das pensões numa percentagem que assegure já este mês a reposição e valorização do poder de compra dos trabalhadores e dos reformados" e o "aumento intercalar do Salário Mínimo Nacional para 800 euros".

O tabelamento ou fixação de preços máximos de bens essenciais, "designadamente energia, combustíveis e bens alimentares, incluindo a possibilidade de fixação de preços abaixo daqueles que são hoje praticados", bem como a redução do IVA sobre a eletricidade e o gás para 6% foram outras das medidas enumeradas.

DN/LUSA

BREVES

Beatriz Fernandes de Ouro na Canoagem Júnior

A júnior Beatriz Fernandes conquistou ontem a Medalha de Ouro na categoria C1 200 metros no Mundial Sub-23 e Juniores de Canoagem, em Szeged, na Hungria, alcançado a sua terceira medalha na competição. A canoísta afirmou que a conquista foi algo "indescritível", explicando que é reflexo do trabalho realizado. "Faço um balanço bastante positivo, [os resultados] são a expressão do trabalho que tenho vindo a realizar durante toda a época e sinto-me muito feliz por isso. Foi um sentimento indescritível, só queria acabar da melhor maneira possível e foi possível", disse.
A jovem atleta de 18 anos, filiada pelo Clube Náutico de Ponte de Lima, conquistou a sua primeira Medalha de Ouro em Campeonatos do Mundo, depois de vencer a final de C1 200 metros júnior, uma distância olímpica, com o tempo de 48,76 segundos, superiorizando-se à húngara Agnes Kiss, segunda com 49,05, e à cubana Mailienys Caldéron, terceira com 49,20. Beatriz Fernandes já tinha conseguido a Medalha de Bronze em C1 1.000 metros e a Prata em C2 500 metros mistos, com Martim Azevedo, subindo ontem ao lugar mais alto do pódio no Mundial.

Exército angolano entra em "Estado de Prontidão"

As Forças Armadas Angolanas estão desde ontem e até 20 de setembro em "Estado de Prontidão Combativa Elevada" para evitar incidentes e "proporcionar a manutenção da defesa e segurança" após as eleições, sobretudo na Província de Luanda.
Segundo o despacho datado de 3 de setembro, sábado, e assinado pelo chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas Angolanas (FAA), general Egídio de Sousa Santos, todas as unidades, estabelecimentos e órgãos das FAA passam ao grau de Prontidão Combativa Elevada para evitar incidentes que "perturbem a ordem e tranquilidade públicas".
Neste período serão reforçadas as medidas de segurança dos principais objetivos económicos e estratégicos e das instituições do Estado, controlo do movimento de colunas militares e restrições na saída de aeronaves militares, além de intensificado o patrulhamento auto e apeado nos centros urbanos e suburbanos, visando a recolha do pessoal e viaturas militares que contrariem as disposições contidas no despacho. O Tribunal Constitucional deverá tomar decisões nos próximos dias sobre o contencioso eleitoral face aos requerimentos apresentados pela UNITA e pela CASA CE, partidos da oposição angolana, que não reconhecem os resultados eleitorais de 24 de agosto que deram a vitória ao MPLA.

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56020